

irreversível

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

AS MÁQUINAS DA VERDADE

OCDE prevê cortes de 30% dos postos de trabalho em Portugal

Paulo Dimas: “Quando apareceu o Excel houve uma extinção em massa dos contabilistas, mas os que ficaram tornaram-se mais produtivos”

Portugal, o paraíso para os nómadas digitais

Como os jovens não vivem sem IA

Da saúde à agricultura, da finança à construção: o impacto da IA nas nossas vidas

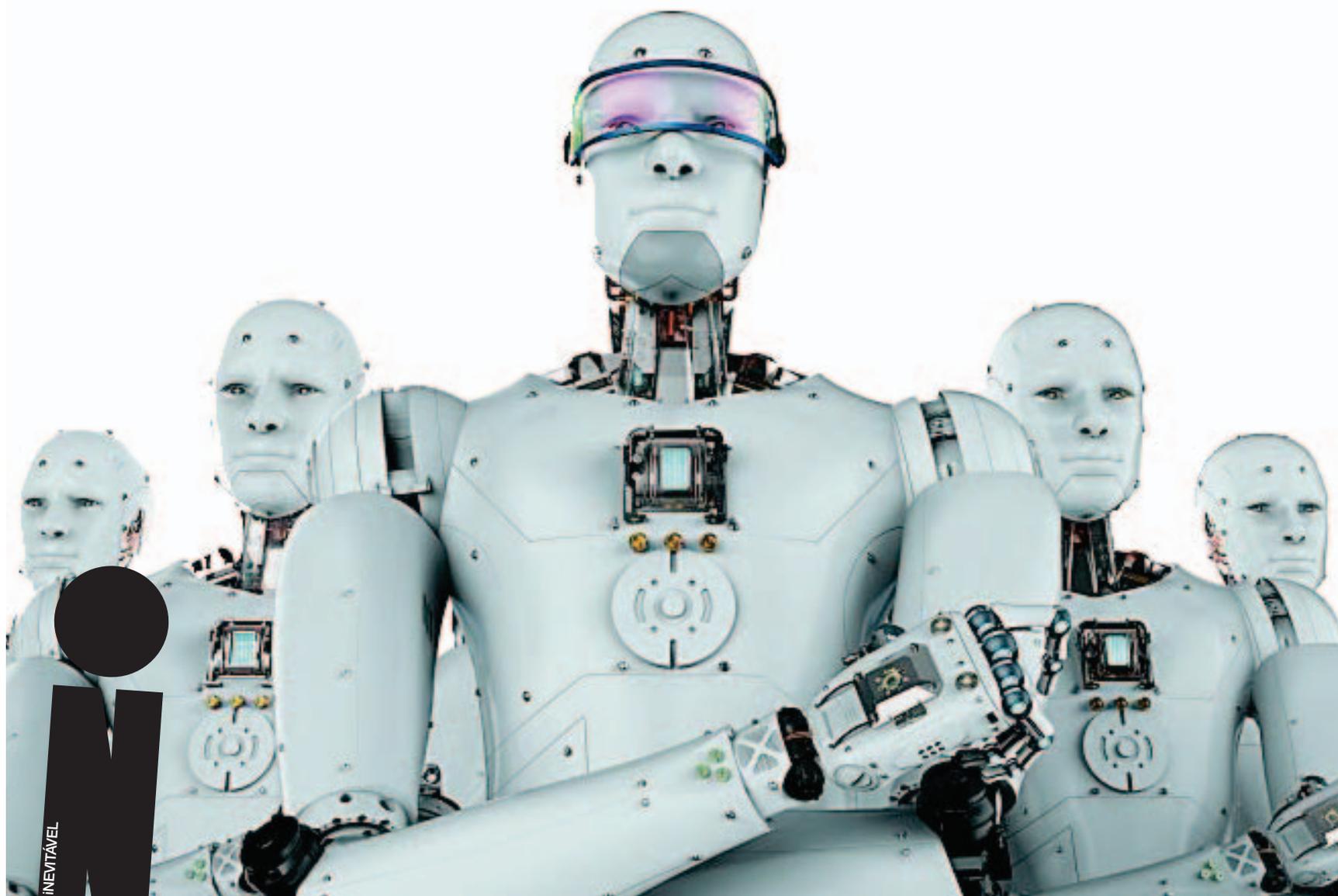
A nova ‘Revolução Industrial’ dará mais tempo às pessoas

A chave no Ensino Superior? “Evitar que a IA se substitua à Inteligência do Aluno” e o regresso das provas orais

A ameaça de nos lerem o pensamento

A opinião de Teresa Anjinho

PÁGS. 2-20



EDITORIAL

Robôs. Eles ainda precisam de nós para ter vida...



Vítor Rainho

A inteligência artificial (IA) veio para ficar e por mais regras que lhe queiram impor, é certo que alguém não as irá cumprir. Se muitos cientistas têm a melhor das intenções no aperfeiçoamento da tecnologia – veja-se os casos na Medicina –, sabemos que outros querem usar a IA para fins muito pouco pacíficos, e nas guerras já se nota bem isso.

Confesso aqui a minha costela de Velho do Restelo, pois nos supermercados recuso-me a usar as máquinas, optando sempre pelas caixas que tenham pessoas. Faço o mesmo sempre que posso nas bombas de combustível, mas já não sou tão coerente nas autoestradas, embora essa profissão, a dos portageiros, seja altamente prejudicial à saúde.

Os desafios são enormes, mas não me parece que seja possível não ‘taxar’ as máquinas que irão substituir os humanos, pois acredito que muitos postos de trabalho irão desaparecer, embora outros surgirão. Se a inteligência artificial vai contribuir para que tenhamos um melhor estilo de vida, deixando o trabalho para as máquinas, também sabemos que com muito desemprego os sistemas de Segurança Social poderão falar ainda mais facilmente.

Mas falemos de coisas fantásticas e outras aterradoras. No lado positivo, temos a célebre história dos primeiros homens que conseguiram andar, depois de terem estado anos agarrados a uma cadeira de rodas. Penso que os avanços na Medicina irão resolver muitos casos, como seja o dos problemas de visão, entre muitos outros. Já na parte negativa, o que dizer de num futuro próximo as máquinas conseguirem ler o nosso pensamento, como vi esta semana numa peça da CNN? Além das questões óbvias, como seja a dos robôs se transformarem em máquinas assassinas, conseguirão algum dia ter inteligência própria? Cada vez mais a ficção científica se aproxima da realidade, e isso, obviamente, é assustador.

O que sabemos é que, por agora, as máquinas não substituem o pensamento humano e que precisam dele para ter vida.



IA. Acabaremos nós descartados pela tecnologia inteligente?

A IA traz consigo uma promessa de avanços prodigiosos, podendo o seu impacto, diz-se, ser superior ao da descoberta do fogo. Mas a tecnologia também acarreta riscos, e há quem tema que a criatura escape ao controlo do criador.

JOSÉ CABRITA SARAIVA
jose.c.saraiva@ionline.pt

No seu conto de 1941 ‘A Biblioteca de Babel’, o escritor argentino Jorge Luis Borges imaginou uma biblioteca “total”, cujas “prateleiras registam todas as combinações possíveis dos vinte e tantos símbolos ortográficos”, de A a Z, “ou seja, tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas”.

Continua Borges: “Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da Biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia

desses catálogos, a demonstração da falácia do catálogo verdadeiro, o evangelho gnóstico de Basilides, o comentário desse evangelho, o comentário do comentário desse evangelho, o relato verídico da tua morte, a versão de cada livro em todas as línguas, as interpolações de cada livro em todos os livros [...]”. Não havia nada que escapasse a esse gigantesco arquivo.

Cerca de vinte anos depois de o autor argentino escrever o seu famoso conto, a sua fantasia começava, de certo modo, a ganhar forma, quando, no contexto da Guerra Fria, o Departamento de Defesa norte-ame-

ricano se viu na necessidade de montar uma rede descentralizada de partilha de informações.

Essa rede de informação, a ARPANET, estaria na origem da atual internet, o equivalente tecnológico da tal Biblioteca de Babel, onde tudo se encontra disponível.

MÁQUINAS CAPAZES DE PENSAR

Mas seria a biblioteca de Borges uma espécie de paraíso do conhecimento ou uma maldição? Como orientarmo-nos num arquivo onde existe “tudo o que é dado expressar”, “em todas as línguas”? Como navegar nessa imensidão sem limite? Como



Fábricas sem intervenção humana tornar-se-ão cada vez mais comuns. Um dos próximos grandes desafios é o desenvolvimento de novas formas de energia limpa

DREAMSTIME

separar o trigo do joio, encontrar o que se procura sem ficar afogado na torrente de dados sem sentido?

É precisamente aqui, na gestão de quantidades inimagináveis de dados, que a IA (inteligência artificial) pode dar uma ajuda.

Foi em 1955, precisamente o ano em que Jorge Luis Borges ficou completamente cego, que John McCarthy, um assistente de Matemática da Universidade de Dartmouth (New Hampshire, EUA), teve a ideia de organizar um *workshop* de verão naquela instituição com um grupo de cientistas escolhidos a dedo. O objetivo era encontrar uma resposta para a pergunta formulada em 1950 por Alan Turing, o matemático gay inglês que decifrou o código Enigma e ajudou os Aliados a derrotar os nazis: “Serão as máquinas capazes de pensar?”.

Sabemos hoje que as máquinas, em particular os computadores, são capazes de fazer quase tudo: escrever textos (ou seja, combinar palavras em sequências que fazem sentido), conduzir automóveis (os aviões há muito que usam o piloto automático), realizar tarefas domésticas (hoje temos robôs que aspiram ou cozinham sozinhos), jogar xadrez e até pintar e compor músicas. Mas serão capazes de pensar? Tudo indica que ainda não.

O que a IA – um conceito que saiu do encontro de cientistas em Dartmouth – traz de novo é

que, se não pensam, estas máquinas têm pelo menos a capacidade de aprender e de se aperfeiçoar. É assim, por exemplo, que as ferramentas de assistência por voz ou de tradução vão adquirindo novas ‘competências’, tornando-se cada vez mais úteis e adequadas. Na medicina, a IA não apenas permite processar quantidades enormes de dados de diagnóstico, como testar virtualmente todas as soluções possíveis, e determinar quais delas funcionam, o que vai permitir, em teoria, encontrar curas para doenças hoje incuráveis num prazo relativamente curto e com custos controlados. Quanto à capacidade de aprendizagem, equivale a ‘capacidade de adaptação’, ou seja, a agir de acordo com as especificidades exigidas por um caso particular.

“MAIS PROFUNDA QUE O FOGO” Em áreas como a música ou a pintura – em que temos as grandes obras dos mestres antigos e modernos, de Bach aos Beatles e de Giotto a Chagall – a IA torna-se pouco mais do que redundante. Quando muito, pode fazer ao ‘estilo de’, um pastiche que nada acrescenta à história da arte. No fundo, é pouco mais do que um falsificador.

Noutro plano, um carro que ande sozinho não faz nada que um ser humano médio não faça.

E até há situações em que seria melhor que a IA não existisse. Quem já teve de falar com uma máquina, na arquitetura labiríntica de uma linha de apoio,

sabe que essa pode revelar-se uma experiência profundamente frustrante. Para ser Inteligência Artificial ainda lhe falta a inteligência...

Outra área controversa é a da tecnologia militar, onde poderemos ter máquinas cada vez mais perfeitas na arte de perseguir, identificar e massacrar humanos.

Mas há outros domínios em que a IA pode ser realmente decisiva. Quando se consegue tratar quantidades gigantescas de dados à velocidade da luz, o conhecimento vai avançando e vão-se desbravando novos caminhos. A medicina, claro, é um dos campos que mais podem beneficiar. Mas também há a produção de novos materiais ou o desenvolvimento de novas formas de energia limpa, com todos os benefícios que daí resultariam para o planeta e para a humanidade. O que terá motivado a afirmação de Sundar Pichai, o CEO da Alphabet, a holding que detém a Google: “A IA é uma das coisas mais pro-

As máquinas hoje conseguem escrever livros, cozinhar e conduzir. Mas serão capazes de pensar?

fundas em que a humanidade está a trabalhar. É ainda mais profunda do que o fogo ou a eletricidade”.

SERÃO OS HUMANOS DESCARTADOS? Neste admirável mundo novo há porém quem tema que o criador perca o controlo da criatura. Poderá a IA ‘ganhar vida própria’ e ameaçar os humanos? Poderemos nós acabar por ser descartados pela tecnologia inteligente? Sendo a margem de evolução e de adaptação uma das marcas desta tecnologia, a pergunta não é descabida, e a União Europeia acaba de anunciar um acordo para avançar com a regulação da IA – um feito especialmente notável, pois trata-se de algo tão complexo que é difícil os políticos dominarem a matéria.

Por fim, há ainda outro risco. Curiosamente, para triunfar, o ser humano nunca precisou de ser o animal mais forte, nem o mais rápido, nem o mais ágil. Mas foi sempre o mais inteligente – e por isso foi batizado, com algum optimismo, ‘*sapiens*’, ‘sábio’. Com a sua inteligência, o homem foi sempre desenvolvendo ferramentas que expandiam as suas capacidades, e para as quais ia transferindo algumas tarefas. Para quê desenvolver uma força bruta nos músculos quando se pode usar uma metralhadora ou um guindaste? Para quê treinar a corrida quando há motos que andam a mais de 300 km/h? Para quê exercitar a memória quando

uma biblioteca inteira cabe num disco rígido? Para quê saber a tabuada quando há máquinas de calcular?

E assim sucessivamente. Delegando funções nas respetivas ferramentas, o homem expandiu as suas capacidades, mas também perdeu competências. Por outras palavras: a tecnologia aumenta o nosso alcance e poupa-nos trabalho, mas também nos torna mais preguiçosos e incapazes.

Recentemente, Miguel Nicolelis, o líder da equipa que desenvolveu um exoesqueleto que permitiu a um jovem paraplégico dar o pontapé de saída do Mundial do Qatar, alertou para as alterações que as novas tecnologias estão a provocar no próprio ser humano.

“Pela primeira vez na história uma geração aparentemente tem um QI abaixo de seus pais”, revelou o neurocientista brasileiro. “A neurociência está mostrando que isso está afetando o cérebro, que é um grande camaleão. Se o cérebro vê que a lógica do mundo ao redor está mudando, se as contingências estão mudando, ele se adapta.”

A ciência e os cientistas certamente aproveitarão as vantagens trazidas pela IA. E o comum dos mortais também. Graças ao telemóvel, até pode andar com ela no bolso. Mas corremos sem dúvida o risco de a inteligência artificial ser cada vez mais omnipresente, enquanto a inteligência natural se torna cada vez mais rara.

Ser nómada digital. “A IA ajuda-me a reduzir horas de trabalho ao computador”

Os nómadas digitais Diogo Reffóios Cunha e Inês Pote contam ao i como é trabalhar remotamente a partir de qualquer ponto do globo. Lisboa conquistou a medalha de prata no ranking mundial dos melhores lugares para nómadas digitais, segundo a Nomadlist.

MARIA MOREIRA RATO
maria.rato@ionline.pt

‘Nómada digital’ é uma expressão à qual nos habituámos, mas será que conhecemos o seu verdadeiro significado? Para Diogo Reffóios Cunha, que registou o domínio nomadadigital.pt há cinco anos, a mesma não poderia ser mais familiar. “Fui para o Sudeste Asiático durante uns meses. Na altura, era chamado de freelancer, trabalhava com clientes em Portugal, mas não soube trabalhar remotamente e perdi os clientes todos nessa minha viagem por falta de cultura de trabalho remoto. Na altura, exigiam sempre alguma presença física nos escritórios. Nessa altura, quando se pesquisava por ‘nómada digital’ no Google, apareciam imagens de computadores à beira mar. E então havia esta ideia de que tu podias trabalhar à beira mar e nas esplanadas das praias. Mas esse é capaz de ser um dos maiores mitos do nómada digital. Porque se tu fores com um computador para uma esplanada, o sol não te vai deixar ver o ecrã, pois vai ser quase impossível trabalhar. Vai ser muito complicado, vai. Portanto, era assim este mito cliché”, explica.

“Os anos passaram e o nómada digital passou a ser um solo empreendedor, alguém que procura formas de fazer dinheiro ou vender coisas, ou apresentar serviços. Houve um êxodo de muita gente, maioritariamente, e eu diria que este movimento dá-se pelos americanos que, aqui há uns anos, se movimentaram, saíram das geografias com custo de vida elevado. Estando eles

a trabalhar 100% no computador, olharam para outras geografias com qualidade de vida muito superior, com preços que para eles são muito mais baratos. Então há aquele espírito de há poucos anos, antes de pandemia: as comunidades nómadas migraram que nem umas boas aves para a Indonésia, para Bali, em que Bali torna-se uma ilha de nómadas digitais, ou seja, de pessoas que trabalham remotamente em timezones diferente de Bali, mas que vivem e consomem naquela região. No paraíso, não é?”, continua.

Em Portugal, também houve a popularização dos nómadas digitais devido ao aumento do teletrabalho durante a pandemia. Em resposta a essa tendência, o país introduziu um novo visto para nómadas digitais em outubro de 2022. Como Diogo Reffóios Cunha explicou, os nómadas digitais são profissionais que podem trabalhar remotamente,

“A tecnologia do trabalho existe para que possamos trabalhar cada vez menos horas”

“O maior desafio é a incerteza do futuro e o facto de podermos ser substituídos pela IA”

apenas necessitando de um computador e um smartphone (e pouco mais). Durante a pandemia, o teletrabalho tornou-se uma opção privilegiada para muitas empresas, impulsionando este movimento.

O novo visto, criado em outubro de 2022, permite uma autorização de residência de um ano, renovável até cinco anos consecutivos. Os requisitos incluem prova de trabalho remoto a partir de Portugal, seja como trabalhador por conta própria ou empregado por uma empresa fora do país.

A remuneração mínima exigida para obter o visto é equivalente a quatro salários mínimos mensais portugueses, atualmente cerca de 3.040 euros. Isso representa um aumento em comparação com o regime D7, que exigia apenas o equivalente a um salário mínimo português por mês.

Antes do novo visto, os nómadas digitais geralmente recorriam ao visto D7, destinado a estrangeiros com rendimentos passivos estáveis. No entanto, o D7 não era específico para trabalhadores remotos, levando à necessidade de criar um visto dedicado a essa comunidade em particular. A iniciativa visa facilitar a permanência legal de trabalhadores estrangeiros que escolhem Portugal para viver e trabalhar remotamente para entidades fora do país.

“Enquanto nómada digital, se eu quiser criar um design, posso recorrer à inteligência artificial para gerar um design que eu tenha imaginado. E se eu quiser escrever uma carta, uma newsletter ou o que quer que seja, posso pedir apoio à inteligência artificial. Isso faz com que

eu cada vez mais dependa menos de outros colegas para realizar as minhas tarefas. De uma forma mais produtiva e acelerada. O que me ajuda a reduzir horas de trabalho ao computador. O que tu fazias numa manhã, podes fazê-lo em 20 minutos. E até tiras-te a manhã toda para fazer aquilo. O que fazes no resto do tempo depende de ti: se quiseres estar sentada ao computador ou se queres ir dar uma volta e fazer o que te apetecer e que te dá mais gozo”, sublinha Diogo Reffóios Cunha.

TRABALHAR MENOS HORAS “Eu acredito que a tecnologia do trabalho existe para que nós possamos trabalhar cada vez menos horas. E gerar os mesmos resultados. A inteligência artificial, de certo modo ajuda nisso, mesmo porque há muitas tarefas que eu já não tenho que executar. A IA ajuda-me a reduzir horas de trabalho ao computador”, diz, alinhando-se com Inês Pote. “Ser nómada digital é ter a liberdade de trabalhar remotamente, e em locais e ambientes escolhidos por nós, em qualquer parte do mundo. Esta liberdade permite-nos ter um leque de oportunidades único e de conhecer e viajar pelo mundo todo”, conta a jovem, adicionando: “Eu tirei o curso profissional de técnica de audiovisuais, e foi na altura que tirei o curso que começou o meu fascínio pelos nómadas digitais. Por esse motivo, comecei a pesquisar mais sobre o que é ser um nómada digital, e percebi que um nómada digital tem muito mais qualidade de vida. O facto de podermos estar em qualquer lado, desde que tenha





**Diogo Reffóios Cunha
começou a sua jornada
enquanto nómada digital
no Sudeste Asiático**

@ARTISTATUGA

internet, dá-nos uma flexibilidade que num trabalho de 'escritório' por exemplo não se tem".

OS PERIGOS DO DESEMPREGO "O maior desafio é a incerteza do futuro, e o facto de podermos ser substituídos pela inteligência artificial. O avanço da IA já está, atualmente, a retirar muitos empregos, e isso é assustador! Além disso, outros desafios associados a nómadas digitais são os acessos à internet, que nem sempre é possível, o choque com outras culturas e barreiras linguísticas, quando viajamos para fora do país, e a rotina, ou seja, o facto de termos uma flexibilidade de horários por vezes pode-nos levar a 'procrastinar' e por isso é necessário criar disciplina e implementar uma rotina". "O maior ponto positivo é a qualidade de vida que um nómada digital tem, a flexibilidade de horários, a oportunidade de conhecer novas culturas e viajar pelo mundo, e podermos fazer aquilo que gostamos e pelo qual somos apaixonados".

"Penso que as pessoas da minha geração, e tenho 21, cada vez mais procuram este tipo de profissão, pela flexibilidade de horários e pela qualidade de vida. As pessoas ficam mais felizes se estiverem num local escolhido por elas e a fazerem o que gostam. Por esse motivo, ser nómada digital é uma das profissões que trouxe o prazer associado ao trabalho".

Lisboa conquistou a medalha de prata no ranking mundial dos melhores lugares para nómadas digitais, segundo a Nomadlist. A cidade destaca-se pelo eleva-

do nível de conhecimento de inglês da população, segurança, ambiente acolhedor para a comunidade LGBTQIA+, facilidade de locomoção a pé e diversas opções de locais para (tele)trabalho. No entanto, o custo de vida é considerado elevado.

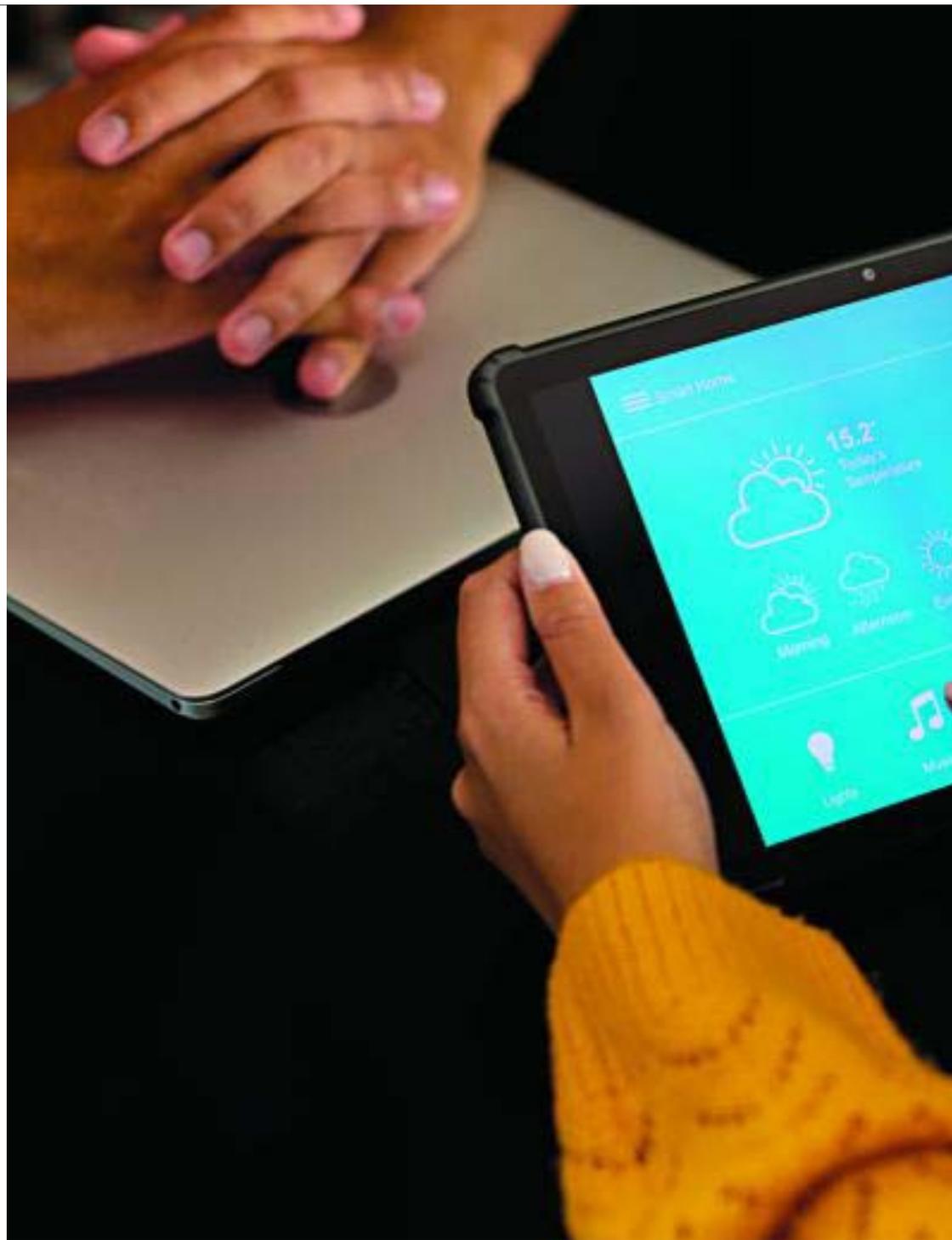
A Madeira também se destaca no cenário internacional, ocupando a quarta posição no ranking global, com uma pontuação de 3,82 em 5. A ilha apresenta semelhanças com Lisboa em termos de segurança, rede elétrica e amigabilidade LGBTQIA+, além de obter uma alta pontuação em liberdade de expressão e wi-fi gratuito. O custo de vida na Madeira é considerado acessível.

O Porto completa o pódio nacional, classificando-se em 16º lugar globalmente, com uma pontuação de 3,56 em 5. Os nómadas digitais apreciam hospitais, rede elétrica, segurança, facilidade para caminhar, diversidade LGBTQIA+ e opções para trabalhar remotamente. No entanto, o nível de educação é considerado medíocre, e o custo de vida é considerado caro.

Outros destinos de praia em Portugal também são reconhecidos, incluindo Lagos (29º), Portimão (33º) e Ericeira (37º). Lagos destaca-se pela segurança, internet, liberdade de expressão e amigabilidade LGBTQIA+. Portimão, apesar da qualidade do ar, é prejudicado pela falta de wi-fi gratuito. Ericeira recebe elogios por diversos fatores, incluindo segurança, diversão e conhecimento de inglês.

Além desses destinos, Peniche, Açores e Braga também aparecem entre os 200 primeiros lugares da Nomadlist.

A visão dos jovens portugueses sobre a Inteligência Artificial



A Inteligência Artificial faz parte do quotidiano de quase todos os jovens portugueses. Mas de que forma? Quais os maiores perigos aos seus olhos e de que maneira têm acompanhado a sua evolução?

SARA PORTO
sara.porto@ionline.pt

Há quem ainda pense que, quando falamos de Inteligência Artificial (IA), nos referimos apenas a coisas hiper complexas, como a conhecida Sophia, o robô humanoide desenvolvido pela empresa Hanson Robotics, de Hong Kong, capaz de reproduzir 62 expressões faciais. Sophia foi projetada para aprender, adaptar-se ao comportamento humano e trabalhar com seres humanos e, em outubro de 2017, tornou-se o primeiro robô a receber a cidadania de um país. Outros, associam-na apenas ao ChatGPT, um protótipo de inteligência artificial que chamou a atenção, em 2022, pelas suas respostas detalhadas e articuladas e que já é utilizado em diversas áreas. No entanto, a IA vai muito para além disso e já se encontra presente em quase tudo no nosso dia-a-dia, principalmente no dos mais jovens. “Utilizas a IA quando usas um assistente de voz para ouvir música, quando usas a câmara fotográfica do telemóvel em modo de retrato e ela define os parâmetros adequados, quando segues as recomendações musicais feitas por algoritmos que identificam as tendências dos consumidores, quando utilizas otimizadores de rotas que indicam o melhor caminho para chegares ao teu destino, quando os filtros classificam automaticamente as mensagens de spam no teu cor-

reio eletrónico, entre muitas outras situações”, lê-se na página da União Europeia. Além disso, a IA oferece outras possibilidades, como “a criação de assistentes virtuais para ajudar as pessoas em várias tarefas”. “A IA também é utilizada no marketing, o que suscita preocupações éticas, por exemplo quando os algoritmos se destinam a influenciar as tuas escolhas políticas, como alegadamente foi feito pela Cambridge Analytica nas eleições americanas e na votação que deu origem ao Brexit”, acrescenta a mesma entidade.

LEGISLAÇÃO NECESSÁRIA “Acho que como uma larga fatia da população, uso IA todos os dias, principalmente de formas subentendidas”, começa por afirmar ao *i* David Almeida, de 25 anos. O seu *feed* das redes sociais, os resultados do seu motor de pesquisa, as recomendações de música do seu serviço de *streaming*, “são apenas alguns exemplos de como a IA está integrada no quotidiano”, continua o Assistente de Projetos na Transparência

Internacional Portugal. “Por vezes é difícil lembrar uma internet sem uso de algoritmos de recomendação ou perfis personalizados. No entanto, essa foi a realidade durante muito tempo e certamente conseguiria adaptar-me novamente a formas diferentes de seleccionar conteúdo online que não implique a coleção massiva de dados”, acredita. Para si, a IA é uma tecnologia de aplicação “transversal”, por isso os seus perigos são “diversos” e “diferentes nas áreas em que é utilizada”. “Os desafios inerentes a estas tecnologias, como as questões da privacidade, propriedade e enviesamento de dados, ou a opacidade dos modelos e algoritmos de tomada de decisão, acabam a exacerbar desigualdades sociais ou a produzir novas assimetrias”, explica. “No domínio digital, aquele onde mais imediatamente identificamos o uso da IA, esta acaba por ser uma ferramenta que condiciona e/ou determina o tipo de informação e conteúdo digital a que os jovens são expostos nos seus *feeds*, moldando assim até certo ponto as

suas mundividências”, continua o jovem.

Mais do que isso, argumenta David Almeida, no mundo onde as gerações jovens se tornam adultas, as aplicações da IA estarão “profundamente disseminadas em todas as áreas de atividade humana”, como já se verifica em vários setores (por exemplo, no acesso ao crédito bancário, na avaliação automática de candidaturas a emprego, na identificação automática de caras por videovigilância, etc.). “Se os aspetos pouco transparentes da IA não forem devidamente controlados, irão inevitavelmente perpetuar injustiças”, alerta, apontando para a importância de legislação que regule e imponha limites no seu uso, visto que “os principais impulsionadores e controladores destas tecnologias são grandes corporações internacionais que visam o lucro sem grande aposta nas preocupações éticas”. “Na população geral, mas também na classe política, há falta de literacia digital, que para ser desenvolvida, requer a participação da juventude no desenho destas políticas



David Almeida fala da necessidade de legislação para a IA, que nos pode influenciar gravemente em muitas áreas

DREAMSTIME

públicas, porque são os jovens que crescem e passam a conhecer profundamente o funcionamento das novas tecnologias”, sublinha ainda.

DESLIGAR DAS TECNOLOGIAS E OLHAR PELA JANELA Filipe Duarte tem 26 anos e descreve-se como um amante de videojogos, música e tecnologia em geral. “A pre-

sença de IA na minha vida é uma constante muito importante, não só para os meus *hobbies* como por questões de trabalho. Ao trabalhar num supermercado, grande parte do sistema funciona com uma programação de IA que facilita muito o trabalho”, explica ao *i*. Na sua vida pessoal, o jovem utiliza desde aplicações de música, aplicações para acender e apagar luzes e comandos de voz para as mais variadas coisas. “Se passava bem sem? Claro que sim, apesar da grande ligação às novas tecnologias, considero-me um jovem algo eclético”, acredita. Por influência de familiares, é um colecionador e um grande adepto do formato físico e de coisas mais analógicas, como colecionar CD’S, e preferir ouvi-los do que aceder a uma aplicação. O mesmo se passa com os videojogos. “Apesar da era digital neste ramo ser bastante mais recente que a da música, o formato físico ou mais analógico continua a ser algo que me atrai muito mais que o digital. O que mais mudei com este modo artificial é sem dúvida o consumo, ou seja, ele

está tão bem desenhado que me leva a comprar mais coisas do que aquilo que preciso nas mais variadas áreas”, admite, acrescentando que “é algo bastante perigoso para muitas pessoas que não tenham atenção a gastos”. “As aplicações, *sites*, etc, estão ligados a uma base de dados e sabem o que nos vai faltar em casa antes de faltar”, brinca com um tom sério. “Já nada do que se diga está fora de uma base de dados que é meticulosamente tratada por um programa de IA, e isso deixa algum receio a nível de privacidade e de como serão tratados todo o tipo de informações nos mais variados assuntos”, frisa ainda Filipe Duarte que acredita que as pessoas precisam de voltar a viver mais sem estas ferramentas. “Sendo eu um jovem, acho que temos de parar de procurar experiências de outras pessoas, perguntar ao *Google* ou à *Siri* como está o tempo hoje, e abrir a janela”, defende.

EVOLUÇÃO DOS JOGOS “O mundo dos jogos passou por uma transformação revolucionária

com o aparecimento da IA”, afirma, por sua vez, Luís Ribeiro, de 21 anos. Segundo o estudante de engenharia informática, antes, os jogos eram limitados pela programação tradicional. Recentemente, evoluíram “para proporcionar novas experiências interativas e dinâmicas”, oferecendo aos jogadores “um nível de realismo e complexidade nunca antes visto”. “A introdução da IA neste campo trouxe consigo uma série de mudanças significativas”, conta. Em primeiro lugar, os personagens não-jogáveis (NPCs) tornaram-se mais autênticos e realistas. “Agora, eles não seguem padrões pré-programados, mas respondem às ações dos jogadores de maneira inteligente. Essa capacidade de aprendizagem e adaptação proporciona uma experiência de jogo mais desafiadora e imersiva”, começa por apontar. Além disso, continua, a IA tem desempenhado um papel crucial na “criação de histórias mais ricas e envolventes”. “Os enredos dos jogos agora podem se ramificar e evoluir com base nas escolhas dos jogadores, criando narrativas personalizadas como é o exemplo do jogo *Detroit: Become Human*”, exemplifica. Segundo o estudante de engenharia informática, a Inteligência Artificial é capaz de analisar as decisões feitas pelos jogadores e ajustar o desenvolvimento da história, proporcionando uma sensação única de

envolvimento e impacto nas escolhas feitas.

No campo dos gráficos e da física, a IA também teve um papel fundamental. “Os algoritmos de aprendizagem de máquina (*machine learning*) possibilitam gráficos mais realistas e ambientes virtuais mais detalhados. A física do jogo tornou-se mais complexa, respondendo de forma mais precisa às interações dos jogadores. Isso resulta em experiências visuais e sensoriais mais imersivas, aproximando-se cada vez mais da realidade”, explica ainda, acrescentando que os jogos *multiplayer online* também beneficiaram enormemente da IA. “Sistemas de *matchmaking* baseados em IA são capazes de equilibrar as habilidades dos jogadores, fazendo assim com que estes joguem contra pessoas do mesmo nível. Além disso, a IA é frequentemente utilizada para detetar e prevenir comportamentos ilegais ou trapaças durante o jogo, mantendo assim a integridade e o bom ambiente no mesmo”, sublinha. De acordo com Luís Ribeiro, caso esta tecnologia não tivesse sido inventada, o mundo dos jogos teria “estagnado”, o que possivelmente iria causar “uma queda gigantesca na aderência aos videojogos”. Se não existisse IA nos jogos hoje em dia, o jovem garante que não continuaria a jogá-los pela falta de diversidade, realismo, interatividade e imersão.

Filipe Duarte utiliza aplicações para acender e apagar luzes com comandos de voz

Luís Ribeiro garante que se não existisse IA já tinha parado de jogar videojogos

Paulo Dimas. A Inteligência Artificial tem de ser responsável

Paulo Dimas há 30 anos que trabalha preparando o futuro num mundo altamente tecnológico. Explicou-nos os desafios que representa o *boom* da Inteligência Artificial e a forma como vai impactar a Humanidade.

JOÃO SENA
joao.sena@ionline.pt

Lembra-se dos primórdios da computação quando um jovem informático apresentava na RTP os mais recentes jogos para o ZX Spectrum? Esse jovem era Paulo Dimas, que, passados 30 anos, é líder do consórcio Centre for Responsible AI e vice-presidente para a área da inovação na Unbabel, uma *startup* que utiliza a Inteligência Artificial (IA) para acelerar a mudança para um mundo mais tecnológico. Os seus principais clientes são grandes empresas estrangeiras, que confiam na plataforma da Unbabel para abrir e fazer crescer novos mercados, aproveitando o poder da IA.

A revista norte-americana Fast Company colocou a Unbabel entre as três empresas mais inovadoras do mundo em 2020 na categoria Enterprise. Que projeto é este? A Unbabel é uma *startup* portuguesa que possibilita às grandes empresas, como o Booking, Microsoft, Nike e Tinder, entre outras, interagirem com os seus clientes no idioma desses clientes. Se um japonês enviar uma mensagem para determinada marca a pedir esclarecimentos a resposta é dada em japonês e não em inglês. Cria-se a ilusão de que todas as empresas que trabalham connosco falam mais de 30 línguas.

Como é isso possível?

Consegue-se combinando a inteligência artificial com tradutores humanos. É um serviço híbrido. Cada cliente tem uma identidade própria e a tradução tem em conta essa identidade. Ao

contrário de outras ferramentas de tradução, que tratam todos os utilizadores da mesma forma e têm algumas falhas, a Unbabel tem a componente humana que corrige essas falhas, e ao corrigir essas falhas permite também que a inteligência artificial aprenda e se torne melhor ao longo do tempo.

Como se explica o que é a Inteligência Artificial?

A Inteligência Artificial foi inventada há mais de 50 anos, mas aquela de que falamos hoje em dia consiste na tentativa de copiar o cérebro humano. É um conjunto de neurónios artificiais que estão ligados entre si através de parâmetros e têm uns números associados, mas é tudo máquina. Estes neurónios artificiais aprendem observando textos, imagens e sons e começam a detetar padrões de linguagem, a partir daí começam a repetir a aquilo que leram. No fundo, é algo que tenta copiar o cérebro humano. O nosso cérebro tem 80 mil milhões de neurónios, no caso destas redes neuronais estamos a falar de uma escala muito superior. Cada vez que pedimos ao ChatGPT3 para nos dizer qual é a próxima palavra de uma frase ele tem de fazer 175 milhões de cálculos para dar a resposta. **Quais as principais vantagens da IA para a sociedade?**

O primeiro grande impacto é o acesso ao conhecimento. Temos um tutor personalizado que conhece tudo o que está escrito em centenas de milhares de livros e responde a qualquer pergunta. Se nos ligarmos através do telemóvel a plataformas como o ChatGPT, Bard ou Claude temos a capacidade de aceder a todo

este conhecimento, é uma espécie de Wikipédia gigantesca à qual podemos fazer perguntas. Eu próprio tenho aprendido muito sobre inteligência generativa usando a própria inteligência artificial. Outro aspeto positivo é o aumento da produtividade. Estima-se que nos próximos dez anos o Produto Interno Bruto aumente 1,5% através da utilização da inteligência artificial. Há um maior aproveitamento do tempo em tarefas como a redação de emails para clientes ou respostas a reclamações. Tudo isso acontece com uma empatia superior à de um ser humano – a inteligência artificial é muito forte a criar empatia, ser simpática e até persuasiva.

Um exemplo elucidativo...

Pedi ao ChatGPT para escrever um email que me ajudasse a baixar a renda da casa. Usou as técnicas de um livro de negociação de reféns e escreveu, num minuto, que havia muitas vantagens em a senhoria baixar a renda porque sou uma pessoa em que

“A Inteligência Artificial torna mais fácil e rápido o acesso ao conhecimento”

“A saúde e a educação são as áreas onde a IA pode ter maior impacto”



pode confiar, a casa está preservada e iria ficar mais tempo na habitação.

Quais os setores de atividade que podem ser mais impactados?

A saúde e a educação são as áreas onde o impacto da inteligência artificial pode ser maior. Na saúde, a inteligência artificial pode juntar todos os relatórios clínicos de um doente e ajudar o médico a decidir se dá ou não alta. A imagiologia também é impactada. A inteligência artificial pode olhar para uma radiografia ou TAC, interpretar esses exames e, eventualmente, detetar sinais que o médico podia não identificar. Tem outra vantagem que é uma memória quase infinita. É capaz de processar toda a informação que lhe dermos, o médico pode ver milhares de exames, mas não consegue ver milhões. Pode também ser utilizada para fazer chegar a saúde a qualquer ponto do país. Uma pessoa pode fazer um exame numa região remota e ser assistido por inteligência artificial. Na educação, vai aumentar a capacidade de as crianças aprenderem, uma vez que vai disponibilizar maior conhecimento de forma mais acessível

e rápida e, pela primeira vez, tem em conta aquilo que a pessoa sabe ou não sabe. Quando consultamos a Wikipédia, ela não sabe qual o nosso conhecimento, na inteligência artificial podemos pedir explicações mais completas e detalhadas. É também possível tornar este conhecimento em interatividade através de simulações. Para que tudo isto aconteça é preciso ter uma inteligência artificial que seja responsável.

Tudo isso pode criar um apagão da inteligência humana?

Penso que não. Com o aparecimento da calculadora não se criou um apagão na capacidade de fazer contas em papel. **A Goldman Sachs publicou este ano um estudo que antecipa que 300 milhões de empregos a tempo integral vão ser afetados pela automatização. O desemprego vai aumentar?**

Sim. Vai haver muitos empregos impactados, como sempre houve com o avanço tecnológico. Quando foi inventado o Excel houve uma extinção em massa de contabilistas, por outro lado os contabilistas que ficaram tornaram-se mais produtivos. É



Paulo Dimas considera a Inteligência Artificial uma poderosa ferramenta, mas necessita de regulação

BRUNO GONÇALVES

nessa perspectiva que temos de encarar os avanços da tecnologia, e a esta escala houve sempre mais criação de emprego do que perda. Agora, a transição é difícil, cria pobreza e pode levar a um aproveitamento político. **Considera ser necessário haver regulação para a inteligência artificial?**

Claro que sim, e isso está a ser feito. A Europa foi pioneira na área da regulação com a elaboração da proposta 'AI Act'. Quando a legislação estava pronta para ser votada no Parlamento Europeu e Estados-Membros surgiu o ChatGPT, que mudou tudo e obrigou a atualizar a proposta com a inclusão dessa tecnologia a que chamaram Foundation Model. Os responsáveis das empresas que utilizam a inteligência artificial têm de ser responsáveis e ter princípios. **Na sua opinião, existe um lado negro associado à IA?**

Há várias partes negras neste processo. Há a parte negra da factualidade, a inteligência artificial é uma repetição de padrões e não sabe se é verdade ou não o que está a dizer. Houve casos em que foi usada a inteligência artificial para escrever artigos científicos e a experiência não

correu bem. Se pedirmos ao ChatGPT para escrever a biografia de uma pessoa que não seja muito conhecida ele começa a inventar factos. Outro risco é refletir opiniões culturais e políticas que possam influenciar de forma negativa quem está a aprender. O Sam Altman [fundador da OpenAI, empresa que lançou o ChatGPT] afirmou recentemente que o primeiro ChatGPT era anti-Trump. Por outro lado, há mensagens bem construídas e muito persuasivas que se podem tornar perigosas para a democracia, pois

“A Europa foi pioneira na área da regulação da Inteligência Artificial”

“Temos de dar pistas certas ao ChatGPT para que ele possa ser confiável”

convencem as pessoas sobre determinados fatores de risco. **Em novembro do ano passado a OpenAI, empresa pioneira em inteligência artificial, lançou o ChatGPT, que se tornou viral – nos dois primeiros meses alcançou 100 milhões de utilizadores em todo o mundo – e deu a conhecer ao cidadão comum o poder da inteligência artificial. Qual a sua opinião sobre esta plataforma?**

O ChatGPT é um salto quantitativo na evolução da inteligência artificial, mas temos de dar pistas certas ao modelo, caso contrário não é de todo confiável. A tecnologia que está por detrás do ChatGPT vai prevalecer em muitas das ferramentas que nós já usamos, caso do Office da Microsoft e do Google. Com o passar do tempo penso que vai deixar de ser tão usado e vão aparecer aplicações temáticas construídas por cima do ChatGPT como, por exemplo, um GPT de autoajuda ou que nos ajude a tratar dos nossos filhos, a criar uma receita para o jantar com os produtos que estão no frigorífico ou a fazer os trabalhos de casa e a elaborar relatórios e outro tipo de documentos aos

estudantes. É um grande contributo para o utilizador, desbloqueia e elimina o efeito da folha branca, mas devemos sempre verificar o que está escrito.

E os riscos?

Um dos riscos é a possibilidade de o ChatGPT influenciar pessoas a realizar ações de algum risco no mundo físico. Depois, há um novo tipo de hacker que consegue dar dicas muito assertivas ao modelo e faz com que ele salte a “vedação” e permita ter acesso a informação importante dos utilizadores. Além disso, há empresas que utilizam “exércitos” de *chatboat* [programa de computador que através da IA simula um ser humano a conversar com outras pessoas] para ganhar eleições. O *phishing* é outra ameaça.

Como imagina o mundo segundo a IA dentro de alguns anos?

É muito difícil dizer o que vai acontecer. Há ano e meio, dizia-se que as profissões criativas tinham grande futuro e que as máquinas não tinham capacidade para criar. De repente, surgiu uma máquina que consegue escrever livros e gerar imagens que ganham prémios de fotografia e fomos todos surpreen-

didados. A melhor forma de prever o futuro é inventar o futuro. Estou a trabalhar para inventar o futuro, mas antecipá-lo é extremamente difícil. Sabemos os desafios que temos pela frente, mas não sabemos o tempo necessário para os solucionar. Mas estou convencido que nos próximos 12 meses os avanços tecnológicos vão estabilizar.

E quais são esses desafios?

Um deles é a confiança. Estamos a trabalhar na explicabilidade dos modelos, que é uma área de investigação muito forte. A eficiência energética é outro desafio, já que os computadores estão a consumir uma energia astronómica e, por fim, o desafio da equidade, ou seja, tratar as pessoas da mesma maneira seja em entrevistas de emprego, anúncios ou atribuição de créditos. Depois, numa perspectiva de ficção científica é a questão da consciência, quando é que vamos conseguir uma máquina que tenha consciência.

Alguma vez a máquina vai ter uma parte sensorial?

Essa é a grande discussão. António Damásio anda a estudar a questão da consciência há mais de 20 anos e os gestores da computação acham que é possível criar um certo tipo de consciência na máquina, embora isso vá demorar bastante tempo.

Quando atingirmos esse patamar, são as máquinas que se aproximam dos humanos ou o contrário?

Serão as máquinas a aproximar-se dos humanos. Penso que vai existir uma interligação entre máquina e ser humano que vai aumentar a nossa capacidade cognitiva.

Mercado de trabalho em revolução

Apesar dos trabalhadores reconhecerem que a inteligência artificial pode melhorar o trabalho, receiam que possa ameaçar os seus empregos e salários. Dados referentes a Portugal são mais pessimistas face à média da OCDE.

SÓNIA PERES PINTO
sonia.pinto@ionline.pt

Cerca de 30% dos postos de trabalho em Portugal poderão ser postos em causa devido à inteligência artificial (IA). Os dados são da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) que foram divulgados no seu último relatório sobre o emprego. Um número que fica acima dos 27% registado no conjunto dos países.

No entanto, nem todos estão no mesmo patamar. Se, por um lado, o Luxemburgo, o Reino Unido e a Suécia apresentam as percentagens mais baixas de emprego nas profissões com maior risco, a Hungria, a Eslováquia e a República Checa apresentam as percentagens mais elevadas.

De acordo com os mesmos dados, três em cada cinco trabalhadores estão preocupados em perder o seu trabalho para a inteligência artificial nos pró-

ximos dez anos, enquanto dois em cada cinco trabalhadores revelam preocupações de que os seus salários possam baixar na próxima década face ao avanço da tecnologia.

O diretor do departamento de Emprego, Trabalho e Assuntos Sociais da OCDE, Stefano Scarpetta, já veio admitir que as consequências económicas e sociais do ritmo de desenvolvimento da IA são incertas ao contrário de outras mudanças, referindo que a robotização “tem o potencial de afetar todas as indústrias e profissões”.

Mas nem tudo são más notícias. Mais de 50% dos trabalhadores afirmou que a inteligência artificial trouxe um impacto positivo na qualidade dos seus empregos. Ainda assim, a OCDE deixa um aviso: “O impacto da inteligência artificial nos níveis de emprego tem sido limitado até à data, e, atualmente, não está associada a quaisquer alterações importantes nos salá-

rios, positivas ou negativas”. Não se sabe é o futuro.

E AS EMPRESAS? Se do lado dos trabalhadores há muitas reticências e incertezas, do lado das empresas esta aposta tem vindo a dar cartas. Aliás, já em 2021, Portugal foi o segundo país da União Europeia onde as empresas mais utilizaram a inteligência artificial para apoiar o seu trabalho (17,3%). A liderar o ranking está a Dinamarca com 24%, de acordo com os últimos dados do Eurostat.

Valores que estão bem acima da média dos restantes Estados-membros, cujo peso ronda os 8%. Para trás ficou a Roménia, onde a utilização não chega sequer aos 2%, e a Grécia e o Chipre com 2,6%.

De acordo com o gabinete estatístico, a inteligência artificial “dá às máquinas e sistemas a capacidade de aprender e tomar decisões com algum grau de autonomia para atingir objeti-

vos específicos”, destacando ainda o facto de esta nova funcionalidade estar numa fase de acelerado desenvolvimento.

Uma vantagem que é apontada por um estudo da KPMG que questionou os CEO portugueses em relação ao uso da inteligência artificial. Cerca de 84% dos inquiridos reconhecem que não é uma prioridade de investimento para

a sua organização, quando a nível global esse valor atinge os 69%.

Já para aqueles que apostaram nesta nova tecnologia, 82% esperam começar a rentabilizar esse investimento num prazo superior a cinco anos (enquanto a nível global 24% esperam fazê-lo até três anos e 52% até cinco anos). “Apesar da dinâmica que pretendem criar na IA, os líderes empresariais reconhecem que as tecnologias emergentes trazem desafios que devem ser abordados”, revela o documento.

Entre eles, 48% dos CEOs portugueses destacam a segurança e o *compliance* (conjunto de regras) – mais 14% do que a percentagem a nível global (34%) – e 78% destacam os aspetos éticos (57% global). O custo de implementação desta tecnologia (38%), a falta de competências adequadas (50%) e a falta de regulamentação (54%) constituem também desafios. “À medida que o escrutínio e a regulamentação em torno da IA aumentam, as estratégias terão de ser



Inteligência artificial pode ter impacto de 15 mil milhões de euros em Portugal

Bancos podem aumentar os seus lucros anuais na ordem dos 316 mil milhões de euros



construídas em torno da criação de confiança. Dadas as oportunidades e os riscos é urgente que os CEOs liderem a sua implementação, através de quadros que respondam aos desafios éticos colocados por esta tecnologia e garantam a segurança e o *compliance*”.

IMPULSIONAR ECONOMIA Do lado económico, os números estão à vista. O uso da inteligência artificial (IA) generativa – capaz de gerar texto, imagens e vídeo – “poderá aumentar a dimensão da economia portuguesa em 15 mil milhões de euros”, o equivalente a 6% do Produto Interno Bruto (PIB) ou a 8% do Valor Acrescentado Bruto, revelou um estudo da Public First encomendado pela Google. E permite poupar, em média, mais de 80 horas por ano a cada trabalhador, o equivalente a duas semanas de trabalho.

“Ao ajudar todos em Portugal a concentrarem-se em tarefas mais produtivas e criativas, a IA pode acelerar o crescimento eco-

nómico e, por sua vez, trazer progressos nos desafios sociais”, diz o documento. E, ao mesmo tempo, poderá eliminar tarefas monótonas no trabalho ou ajudar a fazer escolhas mais sustentáveis em termos ambientais.

A implementação da IA nas empresas poderá também ser importante “para ajudar na monitorização preventiva dos riscos e na melhoria das competências dos trabalhadores em matéria de cibersegurança” e revela que Portugal poderia mitigar 690 milhões de euros de riscos com a cibersegurança.

E há setores que poderão ser os maiores beneficiários e que ultrapassa a dimensão nacional. Segundo um relatório da McKinsey, a adoção de tecnologias de inteligência artificial pode impulsionar os lucros dos bancos em 340 mil milhões de dólares (mais de 316 mil euros) por ano. Em causa está o aumento da produtividade, o que poderá resultar num aumento de 9% a 15% nos lucros operacionais.

Portugal é um dos países da OCDE com maior percentagem de empregos ameaçados pela inteligência artificial

DREAMSTIME

Perda de impostos. E compensa tributar as máquinas?

Receita do IRS e contribuições da Segurança Social têm vindo a aumentar, de acordo com a DGO.

Substituir trabalhadores por máquinas – desde robôs a plataformas de inteligência artificial (IA) – faz soar alarmes no que diz respeito à arrecadação de impostos. E os números falam por si. De acordo com os últimos dados da Direção-Geral do Orçamento (DGO), até outubro, o Estado arrecadou 14.478,9 milhões de euros, um aumento de 15,1% face a igual período do ano, o que é explicado pelo Governo com “a resiliência do mercado de trabalho”. Já as contribuições da Segurança Social atingiram os 23.536,3 milhões até outubro, uma subida de 11,1% face ao período homólogo.

Mas se esta substituição de pessoas por máquinas terá impactos inevitáveis nos cofres do Estado, nem todos concordam que a solução passará por tributar os “novos” trabalhadores.

Ao nosso jornal, Eugénio Rosa já considerou que seria “um absurdo” a proposta de tributar os robôs, como meio de financiar o Estado ou a Segurança Social. “Só compreendo tal proposta ou devido à incapacidade dos seus proponentes para apresentarem propostas válidas para resolver os problemas graves que atualmente as sociedades enfrentam ou então com o propósito de desviar a atenção da opinião do verdadeiro problema atual e cada vez mais grave: a concentração excessiva da

riqueza num punhado cada vez mais restrito de indivíduos”.

E referiu que a ideia de tributar robôs assemelha-se “muito ao ‘ludismo’ do século XVIII na Inglaterra, embora com as características atuais, visando canalizar o ‘ódio’ e o medo da opinião pública contra os robôs como se estes fossem a causa dos males sociais atuais. Tributá-los seria tributar a inovação, o progresso, o investimento, o aumento rápido da produtividade, a criação de mais riqueza, e impedir a libertação da humanidade de tarefas rotineiras e monótonas, como também impedir a criação de condições que permitissem reduzir o horário de trabalho e ter uma vida mais consentânea com a natureza humana – mais tempo para si próprio e mais tempo para a família”, mas deixa uma ressalva: “Se os resultados da utilização de robôs fossem distribuídos de uma forma justa, não concentrada em poucos e não vingando o princípio, atualmente dominante, de que o vencedor fica com tudo”.

Também João César das Neves defendeu que “um dos maiores problemas da inteligência artificial é que vem rodeada por mitos, fábulas e ilusões”, mas admite que “se eliminarmos esses enganos vemos que se trata apenas de máquinas e, por isso, devem ser tratadas como tal, também nos impostos”, isto é, “devem ser tributadas como máquinas, nem mais, nem menos”.

Já em relação à hipótese do Estado poder vir a perder receitas, o economista não hesita: “O Estado arranja sempre novas formas de arranjar receita, e neste caso nem deve ter de se esforçar muito, porque os impactos não devem ser grandes”.

Eugénio Rosa é mais crítico, afirmando que, em Portugal a digitalização da economia está dificultada pelos baixos salários e salienta que, “enquanto continuar a ser um país de salários mínimos ou próximos de salários mínimos, as empresas continuarão a não ter qualquer estímulo para introduzir robôs e a inteligência artificial”. E o economista diz ainda que o que é necessário e que é urgente não é tributar os robôs, a inovação e o progresso, mas tributar a riqueza criada e distribuí-la de uma forma justa”. S.P.P

Perda de receita? “O Estado arranja sempre novas formas de arranjar receita”

“As empresas continuarão a não ter qualquer estímulo para introduzir robôs e a IA”

IA. A grande vantagem é a aceleração de processos mas ainda há muito a fazer

Usa-se na medicina, na indústria, na agricultura e em tantas outras áreas. Todos os dias podemos conviver com ela mesmo sem nos apercebermos. A inteligência artificial não é nova mas está em crescimento, tem adquirido destaque e traz vantagens...

DANIELA SOARES FERREIRA
daniela.ferreira@ionline.pt

Medicina, agricultura, cibersegurança, comunicação, análise, atendimento ao cliente... Estes são apenas alguns dos muitos exemplos de setores e áreas que já usam inteligência artificial. Usamo-la no dia-a-dia muitas vezes sem darmos conta disso (ver páginas seguintes) e um pouco por todo o mundo mas também em Portugal, é cada vez mais usada.

Portugal tem, aliás, a Estratégia Nacional de Inteligência Artificial – designada AI Portugal 2030 – que tem como principal objetivo promover a investigação e a inovação nesta área específica, em prol do seu desenvolvimento e aplicação em campos como a administração pública, o ensino, a formação e as empresas.

Mas o que se faz então no nosso país? Ainda este ano, a ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Elvira Fortunato, defendeu que “Portugal tem como desígnio assumir uma posição estratégica neste domínio [inteligência artificial] e para tal tem desenvolvido estratégias e iniciativas”, detalhando que “no que diz respeito à inteligência artificial, temos apostado na

qualificação dos recursos humanos, na captação de investimento estrangeiro e na nossa internacionalização”, dando como exemplos bolsas de doutoramento em projetos de investigação em IA, avisos no âmbito do Horizonte Europa e do Digital Europe Programme, participação ativa em fóruns internacionais, em temas como a regulação, segurança, privacidade e ética, e aprovação de agendas mobilizadas no âmbito do Plano Nacional de Recuperação e Resiliência com uma forte componente específica de IA.

João Canavilhas, professor na Universidade da Beira Interior (UBI) e investigador, começa por defender ao *i* que “há uma grande confusão que existe sempre entre aquilo que é inteligência artificial e o que é automatização”. E lembra que fez um trabalho com jornalistas que diziam que usavam inteligência artificial em pesquisas mas “diria que 90% das coisas que me devolveram eram processos simples de automatização”, uma vez que se tratavam de pesquisas em bases de dados. “Isso de inteligência artificial não tem rigorosamente nada”, defende João Canavilhas.

O professor adianta que tam-

bém tentou procurar empresas que trabalhassem no campo da inteligência artificial em Portugal “para ver o que é que eles estavam a fazer” e algumas empresas trabalham “muita coisa relacionada com economia”, havendo também já muitas empresas a trabalhar com IA na área da medicina, sobretudo o campo da imagem. “O campo da imagem é muito curioso porque é provavelmente um daqueles que está a ser mais desenvolvido e é algo que já se faz em Portugal”, dando como exemplo a utilização de drones para deteção de pragas em determinadas culturas. E deixa exemplos. “Têm uma base de dados gigante, passam com os drones em cima das vinhas, por exemplo e eles, através das fotografias que fazem das folhas, conseguem detetar não só se há alguma doença como também qual é o grau de maturação da vinha, se está mais rápida ou mais lenta do que é habitual, e

depois a partir daí, quando esses programas são muito desenvolvidos, propõem também já soluções no caso de haver algum problema”. E continua: “Sei que é feito aqui, é feito muito no cam-

po da medicina quer em projetos que estão a ser desenvolvidos muito em universidades – ainda como projeto – também a aplicação que já é feita mas de coisas importadas. Tudo o que tem a ver com a imagiologia, por exemplo, é outra área onde funciona muito bem”.

Esta, defende, é uma área específica da inteligência artificial que se chama visão computacional. “E o que faz é o reconhecimento e a interpretação das imagens e depois a partir daí procura fazer deteção de padrões e dar algumas respostas. E isso já se faz muito em Portugal”.

Mas há casos de sucesso além deste. Um dispositivo tecnológico de inteligência artificial permitiu que um homem com paralisia nas pernas voltasse a andar. Gert-Jan Oskam, sofreu um acidente de mota da China em 2011 e ficou paraplégico durante cerca de 12 anos. Investigadores suíços criaram dispositivos que constroem um género de “pon-

“Há uma grande confusão entre inteligência artificial e automatização”

“O campo da imagem é provavelmente um dos que está a ser mais desenvolvido”





Inteligência artificial vem ajudar o ser humano em vários processos de várias áreas

DREAMSTIME

te digital” entre o cérebro e a medula espinhal, contornando partes lesionadas.

Graças ao dispositivo, o homem conseguiu ficar de pé, andar e até subir uma rampa com a ajuda de um andarilho. Um ano após implantar a tecnologia, manteve as habilidades e apresentou sinais de recuperação neurológica, sendo capaz de andar com muletas mesmo depois de o implante ser desligado. Mas o dispositivo ainda não é comercializado e tem de continuar a ser testado.

Outro dos exemplos é a cibersegurança. “Tudo o que tem a ver com reconhecimento facial, por exemplo, vai dar uma grande ajuda”, apesar de depois existirem alguns problemas como a questão dos metadados ou da privacidade. “Muitos destes avanços, por exemplo na questão da cibersegurança, vão depois bater nestas outras questões relacionadas com a privacidade. Mas, à partida, o que estamos a con-

seguir fazer é isso. Há coisas simples. As pessoas às vezes já estão a usar muitas coisas que nem se apercebem que estão a usar”, garante João Canavilhas.

PODEMOS CRESCER? Questionado sobre ainda há muito a crescer neste campo, o professor da UBI, que trabalha a inteligência artificial na comunicação, diz que “o problema é que tudo isto é muito novo”. “Estávamos convencidos que o Chat GPT é espetacular. Agora, a Google lançou uma coisa nova – o Gemini – que já é um avanço em relação ao GPT que era para nós a grande referência. E isto vai ser um avanço grande”.

João Canavilhas diz que existe diferença entre a IA que agora conhecemos, “a chamada IA fraca” e aquilo que é a IA forte “e tem muito a ver com a questão do raciocínio e a questão da auto consciência da máquina, digamos assim”. E deu como exemplo a edição levada a cabo

pelo *i* em abril deste ano, praticamente feita na totalidade pelo Chat GPT. “Quando a máquina escreveu a notícia, limitou-se a organizar os caracteres em palavras e as palavras numa deter-

minada ordem que ela sabe que é a ordem correta. Ele junta palavras mas não tem autoconsciência nem raciocínio. Aquilo é só isso. Ele escreveu mas não sabe o que escreveu. Esse é o grande salto que está para dar”, defendendo que a nova inovação da Google “já vai no caminho desta inteligência artificial de ter que fazer algum raciocínio, já é diferente”.

“É como a Revolução Industrial. Já produzíamos mas começámos a fazer com mais rapidez”

“A partir de agora o exame é feito e a máquina faz a análise imediatamente”

A GRANDE VANTAGEM DE ACELERAR PROCESSOS Questionado sobre as vantagens desta tecnologia, João Canavilhas defende que são muitas mas que “a grande vantagem é a aceleração de todos os processos”, uma vez que tudo aquilo que já era feito pode ser feito de forma mais breve. E compara com a Revolução Industrial. “Nessa altura, já produzíamos determinadas coisas mas começámos a produzi-las com mais rapidez. Agora acontece o mesmo”. Como é o caso da medicina. “Fazíamos

uns exames, depois o médico ia analisar esses exames... a partir de agora, o exame é feito, a máquina faz a análise imediatamente e dá logo ali uma série de respostas que vai depois comparar-se com bases de dados gigantescas e todo o processo é acelerado. Diria que a primeira grande vantagem é a aceleração de todos os processos”.

Nesta fase, defende o professor, o facto destes processos mais automáticos serem acelerados, “vai libertar o elemento humano para se concentrar mais naquela parte que na verdade a máquina não faz como a questão do raciocínio, que se aplica ao jornalismo e a outras partes”. A partir do momento em que se consegue acelerar o processo, “conseguimos concentrar-nos mais naquilo que é o elemento humano dentro desta produção. Esta será a grande vantagem que a inteligência artificial vai trazer. Todos os processos que conhecemos até hoje, vão ser todos eles mais rápidos”, um ganho de tempo que, segundo o professor, se traduz “em eficácia”. “A máquina tem a vantagem de, à partida, não errar tanto. Digo à partida porque por trás do algoritmo está também um ser humano que o programou”.

Inteligência artificial. Uso e abuso nas mais variadas áreas



SAÚDE

●●● A saúde é uma das áreas onde a inteligência artificial tem mais potencial para crescer e onde, provavelmente, será mais útil. Segundo um recente estudo da Tractica – empresa de inteligência de mercado com foco na interação humana com a tecnologia –, o mercado de serviços ligados à inteligência artificial na saúde deve ultrapassar 34 mil milhões de dólares – cerca de 31,6 mil milhões de euros – até 2025 em todo o mundo.

Um dos casos onde pode ser usada é no diagnóstico de doenças. E tem um uso importante principalmente na radiologia, através da análise de exames por imagem, possibilitando a prioridade de casos urgentes e a deteção precoce de doenças.

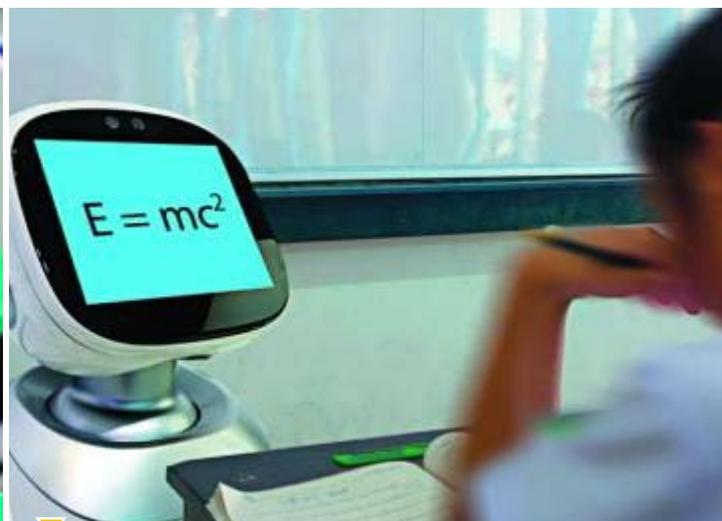
Mercado deve ultrapassar os 31 mil milhões de euros até 2025 no mundo todo

“IA passou a representar um papel fundamental na medicina”

Sabe-se que a contribuição de gigantes da tecnologia como Microsoft, Google, Apple e IBM no setor da saúde tem uma importância significativa para o setor. Atualmente a IA é muito usada nesta área, incluindo na prospeção de dados para identificar padrões e realizar diagnósticos e tratamento altamente precisos. Além disso, é usado em imagens médicas, descoberta de medicamentos e cirurgia robótica. Por exemplo, o IBM Watson (ferramenta de IA) pode derivar o significado e o contexto de dados estruturados e não estruturados que podem ser críticos para a seleção de um plano de tratamento e, depois, analisar as informações médicas sobre o paciente para identificar um tratamento potencial. No fundo, funciona como um médico humano.

Além disso, uma plataforma chamada Inteligência Artificial para Descoberta de Medicamentos (AIDD), desenvolvida pela empresa biofarmacêutica NuMedii, aproveita *big data* e IA para detetar a ligação entre doenças e medicamentos no nível dos sistemas.

Apesar de a inteligência artificial não eliminar as necessidades cirúrgicas, pode reduzi-las potencialmente ao mesmo tempo em que melhora os resultados para pacientes e médicos.



EDUCAÇÃO

●●● Uma das áreas mais polémicas em relação à aplicação da inteligência artificial (IA) é a educação. Se à primeira vista pode ser vista como uma vantagem, o presidente da Associação Portuguesa de Inteligência Artificial já veio alertar para o risco de fraudes académicas. Graças a ferramentas como o CHATGPT, os alunos podem, em poucos segundos, gerar respostas ou fazer mesmo trabalhos mais longos.

Já se assiste a fraudes académicas por alunos usarem o ChatGPT

Universidade de Harvard prevê recorrer à IA para o curso de Computer Science

Mas nem tudo são desvantagens. De acordo com a Unesco, “a inteligência artificial tem o potencial de responder a alguns dos maiores desafios da educação de hoje”, destacando a sua importância no “acesso ao conhecimento, investigação e à diversidade de expressões culturais”. Apon-ta ainda para outras vantagens, como a possibilidade de gerar percursos de aprendizagem individualizados, a garantia de acesso universal para todos os estudantes, a automatização de tarefas administrativas ou a possibilidade de garantir um serviço fora da sala de aula e em todos os momentos. Mas deixa um alerta: Estas tecnologias não deverão contribuir para “aumentar as divisões entre e no seio dos países”.

A ideia é usar estas ferramentas não como um substituto, mas como um complemento ao trabalho dos professores. Na Universidade de Harvard, o curso CS50 (Computer Science) prevê a utilização de IA para ensinar programação, corrigir trabalhos e dar *feedback* personalizado a cada aluno.



AGRICULTURA

●●● A prevenção e deteção de doenças, carências e pragas é uma das vantagens da aplicação da inteligência artificial na agricultura. E não fica por aqui. O uso desta tecnologia pode ainda ajudar os agricultores ao dar informações e recomendações sobre as suas colheitas e culturas.

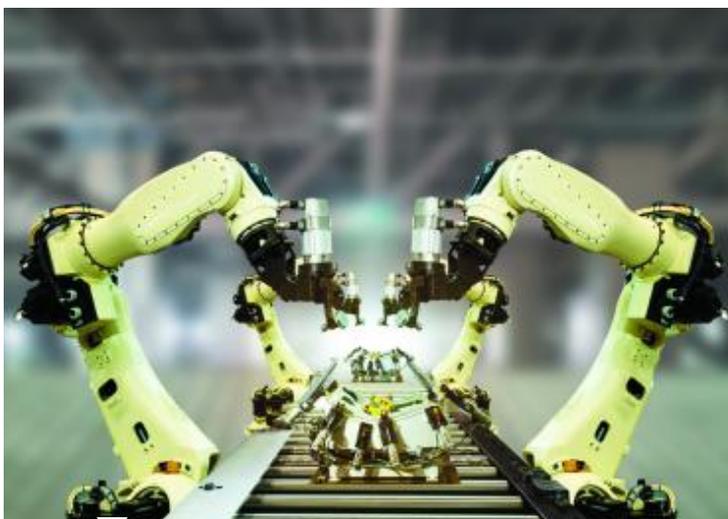
Estas novas ferramentas possibilitam fazer um plano de fertilidade dos terre-

Ajuda na prevenção e deteção de doenças, carências e pragas

Novas ferramentas ajudam a poupar dinheiro e tempo aos agricultores

A utilização das novas ferramentas de tecnologia vai sendo cada vez mais reforçada em diversas áreas, que vão desde a saúde à agricultura. Esta nova realidade veio para ficar. E, mesmo se ainda se encontra num processo de expansão, os resultados estão à vista, prometendo revolucionar todas as atividades económicas, tanto públicas como privadas. Poupanças de custos, otimização de processos e evitar repetição de tarefas são algumas das vantagens apontadas. Mas há áreas, em que os riscos são mais evidentes, como é o caso da educação.

DANIELA SOARES FERREIRA *daniela.ferreira@ionline.pt*
SÓNIA PERES PINTO *sonia.pinto@ionline.pt*



INDÚSTRIA

nos e irrigação, por um lado, e da produtividade prevista, por outro.

Como funciona? Na monitorização da lavoura são usados drones ou sensores que podem identificar problemas no plantio, infestações de plantas daninhas, pragas e até o excesso ou falha na irrigação. Ou seja, permitem um diagnóstico completo de sua lavoura através da análise de imagens. E, se os agricultores sempre acompanharam a previsão do tempo para a tomada de decisões, a novidade é que hoje já existem ferramentas para monitorizar o clima e, dessa forma, é possível controlar a irrigação do terreno de forma mais precisa.

Além disso, neste setor já existem tratores e máquinas que trabalham sem a necessidade de operadores, orientados por meio de câmaras, sensores e GPS. Mais do que operarem sozinhos, esses veículos atuam com precisão, realizando ajustes de forma automática para a pulverização de fertilizantes, por exemplo.

Em suma, estas novas ferramentas permitem ao setor reduzir custos e evitar desperdícios.

●●● Também a indústria tem apostado na inteligência artificial em muitos casos. A IA tem o potencial de transformar completamente a indústria transformadora. Na lista de possíveis vantagens estão o aumento de produtividade, diminuição de despesas, melhoria de qualidade e diminuição do tempo de inatividade. As grandes fábricas são apenas algumas das que podem beneficiar desta tecnologia. Existem muitos usos possíveis para

Diminuição de despesas e melhoria da qualidade são algumas vantagens

Pode ajudar a detetar defeitos, usando técnicas complexas de processamento de imagem

IA na produção, uma vez que ajuda a detetar defeitos usando técnicas complexas de processamento de imagens para classificar automaticamente falhas numa ampla variedade de objetos industriais.

No contexto dos processos de indústria, os casos de uso de IA giram em torno das seguintes tecnologias: aprendizagem de máquina, que usa algoritmos e dados para aprender automaticamente a partir de padrões subjacentes, sem ser explicitamente programada para isso. Junta-se a aprendizagem profunda que se traduz num subconjunto de aprendizagem de máquina que usa redes neurais para analisar coisas como imagens e vídeos. E ainda agentes de IA que gerem as suas tarefas por conta própria, como é o caso de robots colaborativos ou veículos conectados.

Espera-se que a IA para a indústria cresça de 1,1 mil milhões de dólares em 2020 para 16,7 mil milhões de dólares em 2026. O crescimento é atribuído principalmente à disponibilidade de *big data*, ao aumento da automação industrial, à melhoria do poder computacional e a maiores investimentos de capital.

SERVIÇOS

●●● O retalho e o comércio eletrónico destacam-se como os setores onde a aplicação da IA é mais facilmente evidente, tornando o seu impacto tangível para a maioria dos utilizadores finais. Devido à forte concorrência no mercado, as organizações procuram sempre técnicas para encontrar padrões no comportamento do consumidor, para que possam alinhar a sua estratégia de negócio com as necessidades do consumidor. O exemplo mais conhecido são os assistentes virtuais. São várias as empresas de todos os setores que contam com assistentes virtuais para tentar facilitar o primeiro contacto com o cliente

Assistentes virtuais dão apoio ao cliente e não recebem salário ao fim do mês

Imobiliário e turismo são alguns dos exemplos de áreas que já usam

que, em muitos casos, evita depois o contacto direto com o operador. No caso dos assistentes virtuais, diz-se que as vantagens são muitas como a redução de custos e até novas oportunidades de emprego. E são usadas por várias empresas. O imobiliário não fica de fora. A título de exemplo, existe o Alfredo, uma startup especializada em inteligência artificial que pretende revolucionar o mercado imobiliário através do desenvolvimento de *tecnologias de big data e machine learning*. Tem como objetivo dotar os agentes que trabalham neste campo com ferramentas que lhes permitam atuar com rapidez, segurança e transparência. Uma tendência seguida pela *imovel.pt*, que, através da IA de ponta, facilita o processo de transação imobiliária – compra, venda e arrendamento de imóveis –, tornando-o mais personalizado e adaptado às necessidades dos clientes.

No turismo também acontece. Com recomendações personalizadas, chatbots e assistentes virtuais, análise preditiva, tradução de idiomas, reconhecimento visual, planeamento de itinerários, entre outros, o objetivo principal é facilitar a vida do cliente sem os custos de funcionários de carne e osso.



SISTEMA FINANCEIRO

●●● “A IA tem permitido às instituições financeiras a capacidade de processar cada vez mais dados de forma rápida, identificar padrões, detetar anomalias e refinar previsões, com o objetivo de melhorar o processo de decisão, a gestão do risco e a relação com os clientes”, assume o Banco de Portugal.

Outra das vantagens diz respeito à redução dos custos operacionais. Isto é, tarefas manuais demoradas estão a ser substituídas por algo-

ritmos inteligentes que permitem executar essas atividades de maneira rápida e precisa. Por outro lado, os bancos utilizam cada vez mais nas suas aplicações assistentes virtuais para ajudarem os clientes.

A banca portuguesa não é exceção. Um desses exemplos é o Banco Montepio, que apresentou uma parceria com a IBM para a criação de soluções de inteligência artificial suportadas pelo supercomputador Watson – daí resultando a M.A.R.I.A. que tira dúvidas aos clientes e tenta resolver problemas. Numa segunda fase poderá avançar com a venda de produtos ou sugestões aos seus clientes, nomeadamente aconselhamento de serviços de crédito de habitação, por exemplo.

O mesmo cenário repete-se na Caixa Geral de Depósitos. Além de apoiar a consulta de saldos, movimentos, ou do IBAN, também pode ser usada para executar transferências, pagamentos, ou pedidos de cartões e desbloqueio de acesso à CaixaDirecta. Pode usá-la também para solicitar a revogação de débitos diretos, ou para alterar dados pessoais.

Permite identificar padrões, detetar anomalias e refinar previsões

Bancos utilizam cada vez mais nas suas aplicações assistentes virtuais



CONSTRUÇÃO E ARQUITETURA

●●● A inteligência artificial já é aplicada em vários projetos de construção civil, nomeadamente para realização de tarefas repetitivas e perigosas. O objetivo é simples: reduzir riscos de lesões e acidentes de trabalho. E as vantagens não ficam por aqui. Esta tecnologia também pode ser usada para monitorizar o progresso de uma obra, permitindo detetar possíveis erros e atrasos e propor soluções corretivas. Além disso, através de imagens reprodu-

zidas, as equipas podem acompanhar o projeto de forma remota.

De acordo com um relatório da Goldman Sachs, o impacto da IA na construção ronda os 6%, mas estudos da Accenture apontam para o facto de o setor poder aumentar os lucros em mais de 7% até 2035 se usar estas novas ferramentas.

A inteligência artificial também anda de mãos dadas com a arquitetura, permitindo fazer projetos mais completos, precisos e, ao mesmo tempo, mais adaptados às necessidades dos clientes, ao ambiente e ao contexto dos projetos em que estão localizados. Além disso, esta tecnologia é ainda usada na renovação dos edifícios existentes, assim como na manutenção de estruturas ou ser usada para monitorizar as atividades do edifício e moradores. Por exemplo, através da IA, a iluminação dos espaços pode adaptar-se às necessidades e hábitos das pessoas que os utilizam, e o aquecimento e o ar condicionado podem ser ajustados com base na temperatura exterior.

Reduzir riscos de lesões e acidentes de trabalho é uma das vantagens na construção

A iluminação pode adaptar-se às necessidades e hábitos dos residentes



TECNOLOGIA

●●● A Inteligência Artificial pode chegar a todo o lado e as telecomunicações não são exceção. “Com a sua capacidade de automatizar tarefas operacionais, otimizar o uso de recursos e melhorar a qualidade dos serviços, a Inteligência Artificial está rapidamente a tornar-se um elemento essencial no setor de telecomunicações”, escreve Bruno Villardi, CEO da Comm, nas redes sociais. “Antes da IA, empresas da área precisavam de uma grande quantidade de funcionários para lidar

IA é capaz de lidar com essas atividades de forma mais rápida e assertiva

Nos videojogos, a IA torna as personagens mais reais e melhora a experiência



SEGURANÇA

com tarefas de rotina, como a manutenção de equipamentos, a configuração de sistemas e o monitoramento das redes. Agora, com a automação, a IA é capaz de lidar com essas atividades de forma mais rápida e assertiva, em comparação aos seres humanos. Isso permite que as empresas economizem tempo e dinheiro, além de reduzir a incidência de erros humanos”, acrescenta.

O mesmo acontece com os videogames. “A IA tem sido uma parte fundamental do desenvolvimento de jogos há algum tempo, com NPCs (personagens não jogáveis) simulando comportamentos humanos em jogos *single-player* e inimigos se adaptando às táticas dos jogadores em jogos *multiplayer*. No entanto, à medida que a IA se torna mais sofisticada e acessível, os desenvolvedores de jogos estão explorando maneiras criativas de usá-la”, escreve Igor Arnaldo de Alencar, criador de conteúdo na Adapt Edtech, no LinkedIn. Na prática, no que diz respeito aos videogames, a IA é usada para criar personagens não-jogadores mais realistas, gerar ambientes e comportamentos dos inimigos de forma processual e melhorar a jogabilidade geral.

●●● A iminência de um ataque a uma empresa, Governo ou até indivíduo é enorme e continua a crescer e a evoluir rapidamente. Dependendo do tamanho da empresa, existem centenas de milhares de sinais que variam no tempo e que precisam de ser analisados com o objetivo de calcular o risco com precisão. Para isso, é preciso analisar e melhorar a postura de segurança cibernética que parece não ser mais um problema para os humanos com a ajuda

Com o aumento dos ataques informáticos, IA pode ser uma ajuda preciosa

Empresas mostram vontade de apostar cada vez mais na inteligência artificial

da da inteligência artificial. É que, em resposta a este desafio, surgiram ferramentas baseadas em Inteligência Artificial para ajudar as equipas de segurança da informação a reduzir o risco de violação.

Por outras palavras, ao integrar a inteligência artificial nos sistemas de segurança, é possível automatizar os processos de verificação de ataques, podendo torná-los mais seguros ao reduzir a carga de trabalho dos especialistas de TI e aumentar a eficiência da identificação de ameaças.

E parece que é algo em que as empresas querem apostar. Segundo um recente estudo da Randstad, a transformação digital e a inovação tecnológica são os fatores que mais irão marcar o futuro do mercado de trabalho, segundo respostas das empresas. A IA surge como um desafio, mas também uma oportunidade para as empresas e profissionais, visto que transformará tarefas e processos.

Já um estudo da consultoria IDC, a união da IA com a automação (Intelligent Process Automation – IPA) é uma tendência: 20,5% das empresas apontam essa tecnologia como estratégica e, por isso, receberá mais investimentos.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

●●● O uso da inteligência artificial na função pública soma e segue. Por exemplo, na área da proteção civil, a IA pode contribuir para antecipar situações calamitosas e assim ajudar ao planeamento e organização dos meios necessários. Também na gestão de fogos florestais é possível encontrar aplicações de aprendizagem automática para prever a meteorologia, nomeadamente a ocorrência de trovoadas, classificar se estas serão secas ou acompanhadas de chuva,

Estas ferramentas podem ajudar autarquias no controlo de pragas e fogos

Juízes querem inteligência artificial nos tribunais, mas não para decidir por eles

e assim prever melhor a ocorrência de ignições em determinadas áreas.

Estas ferramentas podem também ajudar as autarquias, por exemplo, no controlo de pragas, como roedores.

Já em matéria de justiça poderão ser aplicados sistemas de determinação de níveis de risco a fim de auxiliar decisões judiciais como é o caso do risco de reincidência em crime. E nesta área, Portugal conta com 26 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) para desenvolver a primeira Estratégia de Govtech, especificamente dirigida ao setor. A iniciativa materializa-se num conjunto de projetos de inovação e transformação digital, desenvolvidos em colaboração com universidades, centros de investigação e *startups* com o objetivo de tornar os serviços da justiça mais ágeis e eficientes.

Ainda no início deste ano, os juízes defenderam o uso da inteligência artificial nos tribunais, transformando-a, “numa primeira etapa”, num “assistente judicial eletrónico” que ajude, por exemplo, a escrever sentenças, mas sem que o possa fazer autonomamente.

Ensino Superior. A chave? “Evitar que a IA se substitua à Inteligência do Aluno”

Será que tudo é perfeito quando falamos na utilização da inteligência artificial (IA) no Ensino Superior? Existem pontos positivos, mas também muitos desafios. Por exemplo, o do plágio, que poderá trazer com ele as provas orais.

MARIA MOREIRA RATO
maria.rato@ionline.pt

A utilização da inteligência artificial (IA) no Ensino Superior pode revolucionar a maneira como os alunos aprendem, os professores ensinam e as instituições educacionais operam. Por exemplo, a IA adapta o ensino de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, com base na sua performance e estilo de aprendizagem, os chatbots baseados em IA fornecem suporte aos alunos para questões administrativas, como matrícula e informações sobre eventos, disponíveis 24 horas, todos os dias, e as ferramentas de avaliação automáticas analisam o desempenho dos alunos, oferecendo feedback imediato e aliviando a carga de trabalho dos professores. No entanto, será que tudo é perfeito no mundo da IA? Não, e é por esse motivo que o i falou com o assistente convidado David Silva Ramalho e o professor Nuno da Silva Jorge.

“A IA terá certamente, se é que não tem já, um impacto muito significativo no modo como se elaboram trabalhos científicos no ensino superior. A sua utilidade, bem como o risco do seu uso frau-

dulento, serão, naturalmente, maiores em modelos de avaliação que dependam de trabalhos escritos, como acontece em algumas cadeiras da licenciatura, e, com mais destaque, nos mestrados e doutoramentos, mas continuarão a ser úteis como auxiliares de estudo e de investigação na licenciatura”, começa por dizer David Silva Ramalho, docente na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e advogado. “No Direito, pelo menos em língua portuguesa, as ferramentas publicamente disponíveis ainda demonstram

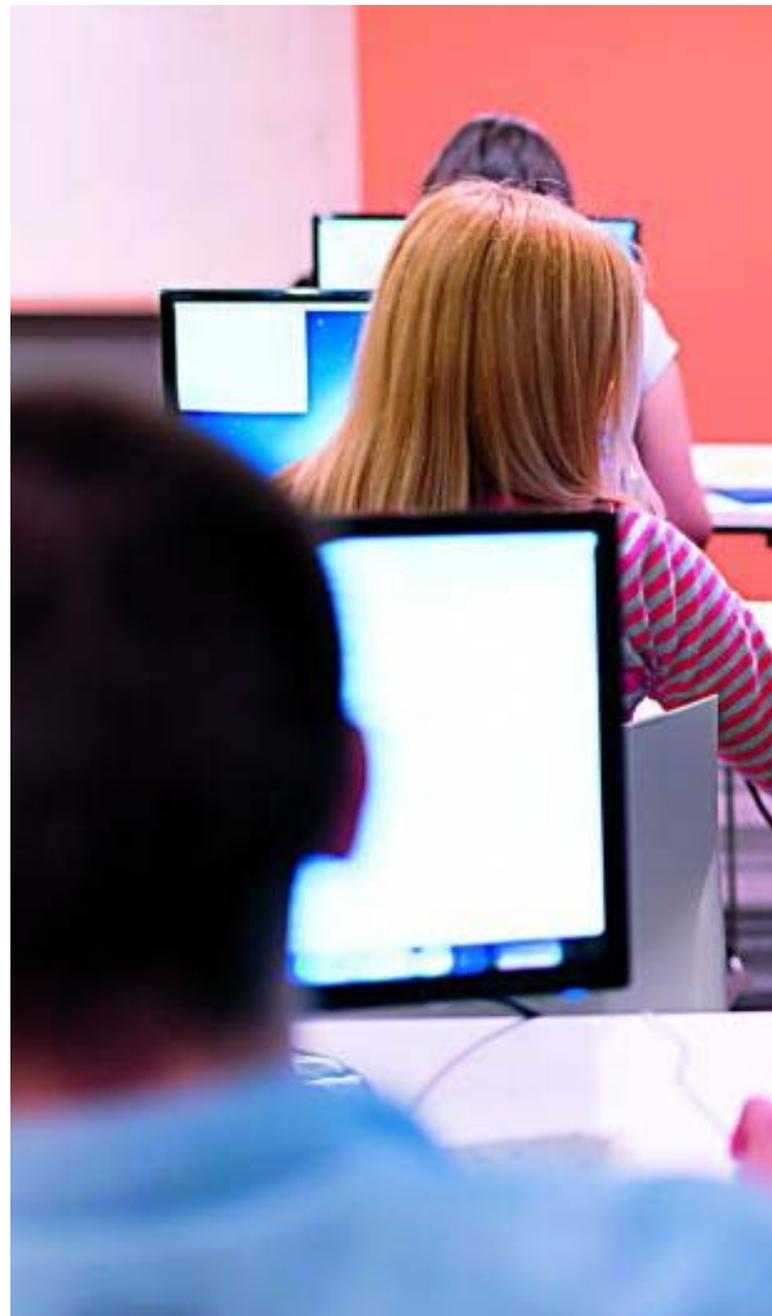
“A IA terá certamente (...) um impacto muito significativo no modo como se investiga”

“As insuficiências atuais dos sistemas de IA de hoje não serão as de amanhã”

falhas relevantes, e não dispõem de muitas fontes doutrinárias, por na sua maioria ainda existirem apenas em papel, o que torna a sua utilização falível e, por isso, dependente de revisão atenta por quem conheça as questões”.

“No entanto, não é difícil de antecipar que as insuficiências atuais dos sistemas de IA de hoje não serão as de amanhã, e nem sequer são as de hoje noutros locais, por isso o seu impacto chegará, mais cedo ou mais tarde, ao ensino superior do Direito em Portugal”, frisa. “As consequências, claro está, poderão passar pela necessidade de adaptação dos modelos de avaliação, quando sejam, por definição, muito dependentes de trabalhos escritos, para incorporar modelos mais interativos, combinados com avaliação oral, de modo a evitar que a IA se substitua à Inteligência do Aluno”, realça.

O RECURSO À IA “O modelo de avaliação que vigora na licenciatura na Faculdade de Direito de Lisboa, essencialmente assente em exames escritos e em provas orais, e menos em trabalhos escritos (embora também os haja), torna mais difícil o recurso à IA no momento da avaliação. É certo que, na fase



de investigação, durante a preparação para exames e provas orais, o aluno poderá recorrer a ferramentas de IA para ajudar a sua investigação, o que me parece, pelo menos até certa medida, positivo, embora comporte um risco de o aluno se demitir da sua tarefa de estudo e investigação”, observa. “Isso dito, até à data não identifiquei ainda o recurso a estas ferramentas durante o momento de avaliação, mas não posso excluir, como ninguém poderá, que tenha já acontecido”.

“Parece-me que a utilização de IA no Ensino Superior deverá ser regulada, sim. Aliás, na Faculdade de Direito de Lisboa existem já orientações do Conselho Científico relativamente à utilização da Inteligência Artificial em trabalhos académicos e que não proíbem a sua utilização. O caminho parece-me ser esse. A IA, à semelhança do que aconteceu antes com o adven-

to da Internet, será certamente uma ferramenta muito útil na investigação científica, seja na identificação de fontes, no resumo de correntes doutrinárias e jurisprudenciais, ou mesmo na descoberta de temas de investigação”, clarifica.

“No entanto, tal como acontece já com outras ferramentas de investigação, é uma tecnologia que se presta também ao mau uso, ou seja, ao uso para a fraude académica. O seu uso para este fim coloca, porém, dificuldades adicionais ao avaliador, já que, ao contrário da fraude mais frequente com que nos deparamos, e que consiste na cópia, total ou parcial, de outros escritos, o uso de inteligência artificial dificulta a deteção da sua utilização. É, por isso, mais insidioso e mais difícil de combater. A solução deverá passar, por isso, por aceitar o seu uso, mas com condições, e por privilegiar formas de avaliação



01

01 Tanto os professores como os estudantes enfrentam desafios naquilo que diz respeito à utilização da IA no Ensino Superior
DREAMSTIME

e advogado na Morais Leitão
DR

03 Nuno da Silva Jorge é professor na ESCS-IPL e Managing Partner da Aurora
DR

02 David Silva Ramalho é docente na FDUL

02



03



mesmo propensas ao uso destas tecnologias”.

Quem concorda com David Silva Ramalho é Nuno da Silva Jorge, professor na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa e Managing Partner da Aurora. “A IA é duplamente fascinante e assustadora, digamos assim. É fascinante porque nos permite fazer coisas que apenas sonhávamos em cenários de ficção científica e possibilitam que nós, humanos, sejamos muito melhores e mais rápidos naquilo que fazemos. Ou seja, ela abre -nos portas para coisas que eram inimagináveis no nosso dia-a-dia. Por outro lado, é altamente assustadora, porque ninguém sabe ao certo como é que ela vai evoluir, que impactos vai ter exactamente no nosso dia-a-dia. Apenas sabemos que a sua evolução será exponencial”, explica. “Ou seja, isso, para todos os efeitos, acaba por ser um pou-

co assustador, coloca-nos um pouco em alerta porque a inteligência artificial que nós conhecemos hoje é um pouco como aqueles microorganismos que deram origem à vida biológica na Terra, não é? Só que, ao contrário desses microorganismos, ela não demorará milhões de anos a evoluir”, deixa claro.

OS FASCINADOS E OS ASSUSTADOS “Neste momento, penso que o Ensino Superior está dividido entre quem está fascinado pelo potencial da IA e aqueles que estão realmente assustados. No mês passado tive a oportunidade de ir a Varsóvia leccionar um curso na Universidade sobre IA e no âmbito desse curso convidaram-me para dar uma conferência sobre o tema, especificamente para académicos. Vê-se que o ensino está muito preocupado com isto. Nessa conferência, uma professora perguntou-me cla-

ramente o que é que resta para os professores a partir do momento em que podemos criar chatbots personalizados, que têm a matéria toda e que explicam tudo e criam uma interação one to one com o alu-

“A IA é duplamente fascinante e assustadora”

“O problema não é tanto ter um aluno a plagiar, porque sempre aconteceu”

no. Ela tinha medo de se tornar obsoleta”, recorda.

O REGRESSO DAS PROVAS ORAIS “Há três desafios fundamentais que os estudantes enfrentam. Primeiro, perceber o impacto da IA. Depois, saber utilizar as ferramentas de forma eficiente, pois a IA será altamente instrumental para aquilo que vai ser o seu futuro, o mercado de trabalho no seu quotidiano. E depois, e penso que este é se calhar menos visível, mas altamente importante, que é compreender as implicações éticas que envolve não só o uso, mas também a exposição a esta tecnologia”, continua o professor.

“Há muitas pessoas que estão preocupadas, por exemplo, com o problema do plágio, não é? E essa é uma questão importante, mas que não é propriamente muito diferente de um aluno ir a um site e ir buscar um trabalho já feito. O problema não é tanto ter um

aluno a plagiar, porque sempre aconteceu e sempre houve maneiras de tentar travar o plágio. É mais tentar que o aluno compreenda primeiro que está a plagiar. Segundo, que o que está a fazer não é correto. E, terceiro, que será altamente prejudicial para o seu desenvolvimento futuro. Do ponto de vista ético, eu acho que me parece que é uma questão importante que os alunos percebam, mas também os professores, de educar ou tentar chamar a atenção para esse sentido, não tanto numa de tentar impedir o plágio, porque isso há maneiras de o fazer e se calhar vamos ter um regresso das provas orais como método de validação”, salienta. “Quanto mais conscientes nós estivermos dos riscos da inteligência artificial, menos expostos estaremos a ser vítimas dos mesmos. Só assim conseguiremos tirar partido do potencial incrível que isto tem para melhorar as nossas vidas”, finaliza.

OPINIÃO

A IA e o mundo do trabalho

Não é a IA que nos vai roubar os empregos, mas aquilo que nós, seres humanos, quisermos fazer da IA. Em democracia nada deve ser visto como uma fatalidade inultrapassável perante a qual nos resta a resignação.



Teresa Anjinho

Recentemente, um relatório da Goldman Sachs alimentou parangonas catastróficas ao dizer que a IA vai substituir o equivalente a 300 milhões de empregos. É apenas um exemplo. São muitos os artigos que exploram a ideia de subjugação do ser humano às máquinas e que apoiados em vozes qualificadas, goste-se ou não, como a de Elon Musk, fazem crer que chegou o apocalipse ou qualquer coisa parecida com o que já vimos em filmes de ficção científica.

O impacto da IA no mercado laboral é uma questão fundamental e o debate está instalado: uns dizem que é o fim e outros dizem que, muito pelo contrário, é uma verdadeira revolução e que iremos assistir não apenas ao aumento da produtividade, mas também do bem-estar dos trabalhadores.

Em primeiro lugar, parece-me importante esclarecer que não é a IA que nos vai roubar os empregos, mas aquilo que nós, seres humanos, quisermos fazer da IA. Em democracia nada deve ser visto como uma fatalidade inultrapassável perante a qual nos resta a resignação. Pelo menos em teoria, ainda somos nós, cidadãos, que em maioria decidimos.

Isto dito, é certo que muitas tarefas vão ser – e já estão – automatizadas, particularmente as que incluem procedimentos mais sistemáticos e de rotina, incluindo com algum grau de complexidade. Ainda assim, continua a ser muito difícil sabermos quais os empregos que vão efetivamente desaparecer. Sabemos, isso sim, que o âmbito e a natureza do emprego vão mudar, com a IA a assumir um papel cada vez mais complementar, dando origem a novas ocupações, que inclusivamente serão responsáveis pela maioria do crescimento a longo prazo. Algo que, na verdade, não deveria surpreender. Historicamente, os empregos substituídos pela introdução das máquinas e da automação têm sido compensados pela criação de novos empregos. Vamos a exemplos concretos. As inovações nas tecnologias da informação já deram lugar a cargos bastante diferenciados, como

designers de páginas web, produtores conteúdos, ‘desenvolvedores’ de software, profissionais do marketing digital, entre outros.

Só o conhecimento nos permite enfrentar as dificuldades e preparar a sociedade para a mudança, reduzindo o medo, tornando-nos mais resilientes e apoiando o que considero ser a necessidade de alcançarmos um justo equilíbrio entre inovação e precaução.

Foi isso mesmo que procurou fazer um relatório da OCDE, de abril de 2023, ao desenvolver um estudo abrangente de casos concretos sobre o impacto da IA no mercado laboral, focado nos setores da manufatura e financeiro. Partindo das experiências realmente vividas, procurou-se identificar benefícios e riscos percebidos e sentidos por trabalhadores assim como empregadores.

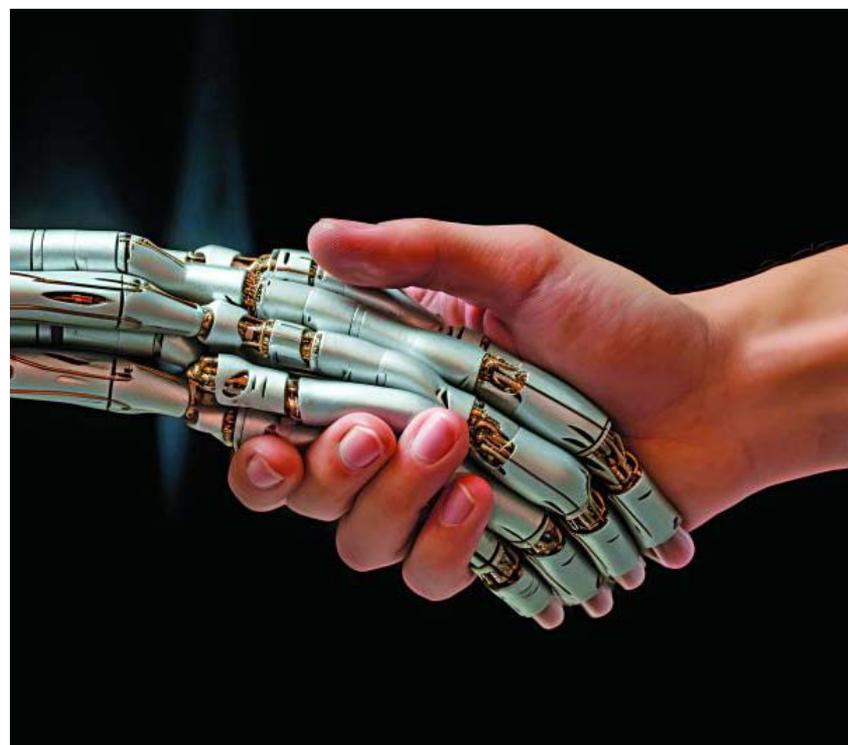
Curiosamente, de acordo com o estudo, até à data, a reorganização do trabalho parece ser mais prevacente do que a sua substituição. Com a automação a resultar numa reorientação dos trabalhadores para tarefas onde o ser humano parece ter maior vantagem comparativa, como as que implicam empatia, interação social ou certos tipos de decisão baseados em juízos de ponderação.

Na perspetiva dos trabalhadores há mesmo o reconhecimento de uma potencial melhoria da qualidade do trabalho, resultado tanto da automação de tarefas repetitivas, como de procedimentos que implicam maiores níveis de perigosidade. A preocupação está, assim, a mudar de um plano macroeconómico, que acentuava o risco de destruição dos empregos, para aspetos mais microeconómicos, que alertam para riscos de discriminação, de vigilância excessiva, necessidade de formação especializada ou mesmo problemas de saúde física e mental associados à maior intensidade e complexidade de muitas das novas funções.

Gostaria ainda de salientar um impacto, menos mencionado, mas a meu ver muito importante: a capacidade dos parceiros sociais em promover e mitigar os benefícios e riscos da IA para trabalhadores e empregadores e que se encontra atualmente diminuída, não apenas fruto de uma menor representatividade, como de uma enorme assimetria de informação. As características específicas da IA, como a velocidade de implementação, o potencial de autoaprendizagem, o impacto nas relações de poder e mecanismos de responsabilização, reforçam a importância do diálogo social. O qual pode assim assumir um importante papel complementar em relação à regulação, em particular na identificação de necessidades e mitigação de efeitos negativos.

Em suma, se o objetivo passa por garantir que, neste futuro certo, as tecnologias de IA possam não apenas ser desejadas, como beneficiar a todos, impõe-se maior reflexão sobre as nossas políticas públicas e empresariais. Devemos ser capazes de ir ao encontro dos desafios que estes estudos e relatórios têm vindo a identificar, promovendo ativamente a resiliência e potencial do nosso tecido empresarial. Escusado será dizer que sempre numa lógica de adaptação à realidade do país.

Eu acredito na possibilidade de um mundo que não opõe humanos a máquinas. Onde a chave para criar valor é exatamente conhecer as diferenças do que cada um faz melhor. Sem dogmas e sem medo, a caminho de um futuro híbrido.



Acredito na possibilidade de um mundo que não opõe humanos a máquinas

Jurista

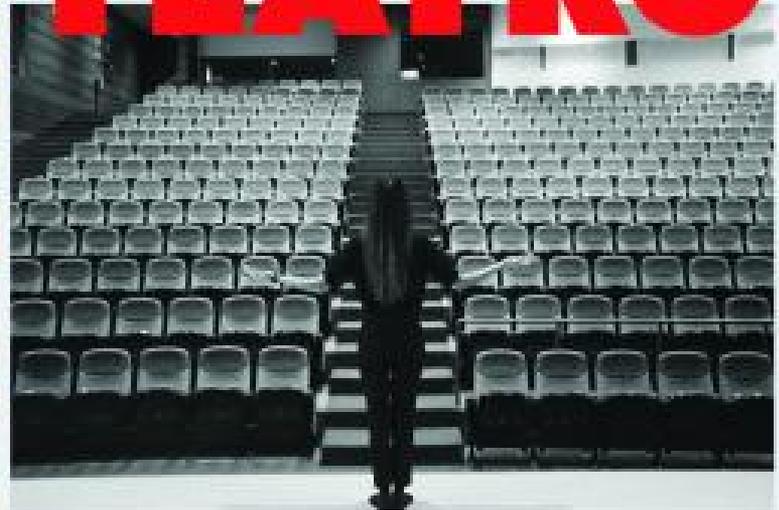
As características específicas da IA, como a velocidade de implementação, o potencial de autoaprendizagem, o impacto nas relações de poder e mecanismos de responsabilização, reforçam a importância do diálogo social

TAGUSPARK FORA D'HORAS

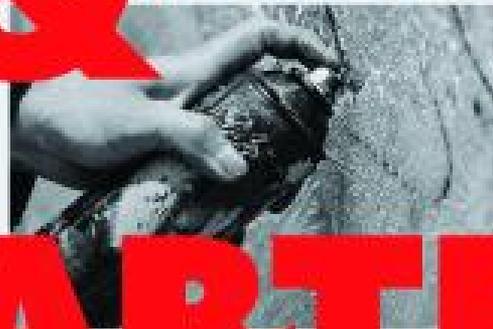
GASTRONOMIA



TEATRO



&



ARTE



Num espaço cheio de boa onda!



TAGUSPARK.PT



CONTA CORRENTE

O risco de “mais do mesmo”

A campanha para a escolha do secretário-geral do PS confirmou o triunfo de uma certa forma de fazer política em que os fins justificam todos os meios para prosseguir o pior de mais do mesmo.



António Galamba

“Mais do mesmo” é um acervo de ideias e opções que nos conduziram ao estado a que chegámos, presenteiro ou confortável para alguns, para alegadamente muitos no Partido Socialista, e insuficiente para quem não se resigna a que a sociedade possa ter outro nível de compromisso com a ética, as liberdades, a coesão, as oportunidades, os serviços públicos, a qualidade de vida e a sustentabilidade, qualquer que seja as suas especificidades.

A campanha eleitoral para a escolha do secretário-geral do PS, que ocorrerá no próximo fim de semana, confirmou o triunfo de uma certa forma de fazer política em que os fins justificam todos os meios para prosseguir o pior de mais do mesmo.

Não houve espaço para nenhuma reflexão crítica em relação ao exercício governativo dos últimos anos, à persistência de relevantes problemas estruturais sem esboço de solução ou à degradação do ambiente político e da confiança nos políticos, também impulsionados pelos casos e casinhos gerados pelo desleixo e pela presunção de superioridade da função.

Não tendo havido nenhuma reprimenda de valores e princípios anteriores aos desvios ocorridos na governação, nesta e nas que as antecederam, exercitando-se até um certo desdém em relação a cercas sanitárias que, de 2011 a 2014, impediram o PS de ser mais fustigado pelos eleitores, prevaleceram os oportunismos face à oportunidade, o tri-

balismo partidário instalado e um exacerbado maniqueísmo em função de interesses particulares e menores.

Não houve debates públicos entre os candidatos, mas isso não impediu a verbalização de afirmações insultuosas que poderão ser utilizadas no futuro pelos adversários políticos.

Não houve nenhum pejo em concretizar transumâncias em posições políticas individuais, sem coerência ou sentido à luz do passado e do presente, cuja fundamentação só poderá ser trazida pelo algodão do futuro. A gelatinização sempre existiu, mas assumiu uma dimensão pandémica a toque da sobrevivência política, da concessão de suprimidos aos egos e ao preenchimento de expectativas futuras projetadas para uma quadratura do círculo impossível de concretizar na amálgama de interesses particulares com mínimos de bem comum.

O risco de “mais do mesmo” não advém dos protagonistas em si, mas dos seus valores, ideias e prática política, sempre enfunada pela envolvente que os proje-

ta para a manutenção ou conquista do poder. No atual PS, o risco foi incorporado no quotidiano a partir de um exercício político que alimentou eleitorados mobilizados e fiéis, enquanto gerava desgaste no principal adversário partidário através da valorização, por ação e omissão, da extrema-direita, que até ficou sossegada nos Açores a viabilizar uma solução governativa, sem qualquer projeção nacional da solução.

Em teoria, o risco para o “mais do mesmo” é reduzido, porque há um acervo acumulado de predisposição eleitoral, mesmo quando a realidade contraria a narrativa e uma insuficiente alternativa política consolidada, mas o desgaste geral da política e a pulverização eleitoral pode projetar as expectativas para impossibilidades de solução de governo.

Porque a esquerda e a extrema-esquerda são insuficientes para gerar uma nova solução de governo, mesmo com a preservação do compromisso europeu e a aliança atlântica.

Porque a direita tem maioria, com forte ascendente de uma extrema-direita formatada para o protesto, sem noção da governação, não confiável, como se viu pelos Açores.

Porque, entre não ganhar em 2015 e desbaratar uma maioria absoluta, era preciso retirar ilações e corrigir o azimute, algo impossível para um exercício de manutenção do poder, para mais um turno. Isso é pedir demais a quem tem noção de que as expectativas dos militantes são mais importantes que as realidades, as necessidades e as perceções do país, no estado a que chegámos e no que é preciso fazer. 50 anos depois de Abril.

Ganhar o partido não é a mesma coisa do que ganhar o país, mas no atalho para o poder tudo é possível. Até uma coisa e o seu contrário. Os fins justificam todos os meios. Continuamos a andar

nisto, com o desgaste que se vê no sistema democrático.

NOTAS FINAIS

AS GÊMEAS DO ICEBERGUE. Como em tanta coisa, o que se sabe é já demasiado grave aos olhos do que deveria ser o funcionamento do Estado e as interações dos cidadãos na afirmação de direitos, no cumprimento de deveres e no acesso a bens e serviços essenciais. Infelizmente, o caso das gémeas será apenas a ponta de um icebergue, pronto a abalar um sistema político não orientado para o funcionamento regular do acesso ao básico, em qualquer ponto do território, qualquer que seja a condição e em tempo útil.

CONVICÇÕES DE UM MODERADO. Por conveniência de narrativa ou circunstância, num país com recursos finitos e uma miríade de desafios, ainda há quem ache que de supetão o Estado pode responder às necessidades e às ambições prescindindo de parte das existências do terreno, sejam elas privadas ou do terceiro setor. Ser moderado é acreditar na mobilização de recursos de forma equilibrada para responder às pessoas e aos territórios, não apenas em campanha, mas de forma sustentada no tempo e no espaço, algo só possível com diálogo e compromisso com quem já governou. Uma coisa é a conversa, concretizar respostas é outra coisa.

O EXERCITAR DA DIVERGÊNCIA. Num país, por regra acomodado e configurado para os mínimos, o exercitar da divergência cívica, política ou desportiva é saudável, mas deve respeitar mínimos de urbanidade com terceiros. O que não se pode ter é um amorfismo geral com escape tresloucado e irracional em determinadas atitudes, no futebol, por exemplo.

(...) Isso é pedir demais a quem tem noção de que as expectativas dos militantes são mais importantes que as realidades, as necessidades e as perceções do país



INEVITÁVEL
www.ionline.pt

DIRETOR Mário Ramires
DIRETOR EXECUTIVO/Vitor Rainho
DIRETOR EXECUTIVO ADJUNTO José Cabrita Saraiva
DIRETOR DE ARTE Francisco Alves
CONSELHEIRO EDITORIAL José António Saraiva
REDATORES PRINCIPAIS Afonso de Melo e Felícia Cabrita
EDITORA EXECUTIVA Sónia Peres Pinto

EDITORES Joana Andrade e Laura Ramires
POLÍTICA Joana Mourão Carvalho
SOCIEDADE Joana Faustino e Maria Moreira Rato
ECONOMIA Daniela Soares Ferreira
INTERNACIONAL Hugo Geada
CULTURA Diogo Vaz Pinto e Sara Porto
DESPORTO João Sena
IMAGEM Miguel Silva (Fotógrafo), Bruno Gonçalves (Fotógrafo), Oscar Rocha (Infográfico), Ana Gonçalves (Gráfica), Miguel Peixe Dias (Gráfico), Fátima Albuquerque (Pós-produção de imagem)
Júlio Rodrigues (Pós-produção de imagem)
GESTÃO DE CONTEÚDOS Gonçalo Morais e Nelma Tavares
ADJUNTA DIREÇÃO Carolina Silva
ASSISTENTE DIREÇÃO E REDAÇÃO Margarida Alexandre
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO José Saldanha Bento, Luís Santos e Pedro Vargas David
FISCAL ÚNICO Vitor Vale

DEPARTAMENTO FINANCEIRO Conceição Salvador (TOC)
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Maria João Jorge
mariajoao.jorge@newsplex.pt
Telemóvel 96355331
PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO Mário Silva (Diretor)
DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA Hugo Marques (Diretor) e Miguel Branco
DEPARTAMENTO JURÍDICO E DE RECURSOS HUMANOS
Fátima Esteves (Advogada), Ana Rodrigues (RH), Pedro Ferreira (Apoio Logístico) e Ewaldina Pereira (Serviço Limpeza)
REDAÇÃO E SEDE DO PROPRIETÁRIO/EDITOR NEWSPLEX, S.A.
Tagus Park, Núcleo Central, sala 362 a 373
2740-122 Porto Salvo, Oeiras NIPC 513766073,
Matriculada na CRC de Lisboa sob
o n.º 513766073, Capital Social 150.000 euros
Detentor de 98,21% do capital: Sunny Meridian - Unipessoal, Lda,
Registo ERC 223939

Telefone Redação 211 976 146
PUBLICIDADE publicidade@newsplex.pt
EMAIL GERAL geral@newsplex.pt

EDIÇÃO ONLINE www.ionline.pt

EMAILS agenda@ionline.pt; correio.leitores@ionline.pt;
radar@ionline.pt; zoom@ionline.pt; mais@ionline.pt;
desporto@ionline.pt

O Estatuto Editorial do i encontra-se disponível em:
<http://ionline.pt/estatuto-editorial>

IMPRESSÃO Sogapal – Estrada de São Marcos, N.º 27,
São Marcos 2735-521 Agualva-Cacém
DISTRIBUIÇÃO VASP
Depósito legal 293616/09 Registo ERC 125624
TIRAGEM MÉDIA 14 000 exemplares

Quando os movimentos pela deficiência, civismo e tecnologia se unem

O modelo atual de desenvolvimento tecnológico, onde a indústria e a academia decidem à porta fechada qual a nova tendência digital, resulta expansão do “fosso digital”.



Hugo Nicolau

Uma sociedade evoluída quer-se inclusiva, repudiando qualquer forma de desigualdade, discriminação ou preconceito. Uma sociedade evoluída quer-se justa, alicerçada na equidade e imparcialidade. Uma sociedade evoluída quer-se participativa, permitindo que cada indivíduo possa exercer a sua cidadania plena. Infelizmente, esta ainda não é a sociedade em que vivemos.

Atualmente, cerca de 16% da população mundial tem algum tipo de deficiência e, em Portugal, existem cerca de um milhão de pessoas com deficiência. No passado dia 3 de dezembro, assinalou-se o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, cujo objetivo é promover os direitos das pessoas com deficiência e a sua participação nos vários domínios social, cultural, económico e político. Este ano, a mensagem foi não deixar ninguém para trás. Receio que o atual paradigma de desenvolvimento tecnológico coloque em risco esta visão.

O Modelo Social da Deficiência

Desde a década de 1960, as sociedades mais evoluídas adotaram o “modelo social da deficiência”, reconhecendo a deficiência como parte natural da diversidade humana ao invés de focar na sua cura. A deficiência existe, mas as pessoas são inca-

pacitadas pela falta de acessibilidade e oportunidades equitativas; por exemplo, edifícios sem rampas, políticas discriminatórias ou *websites* inacessíveis. O cerne do problema reside na sociedade em si e não no indivíduo. No entanto, embora a inclusão seja um direito, pessoas com deficiência continuam a ser desproporcionalmente afetadas por barreiras no acesso à educação, saúde e emprego.

O Bom, o Mau e o Feio das Tecnologias Digitais

De acordo com a ONU, as tecnologias digitais são um pré-requisito à inclusão. Elas têm o poder de capacitar, reduzir barreiras e oferecer novas formas de acesso a serviços e participação cívica. As redes sociais, por exemplo, permitem às pessoas com deficiência ampliar a sua voz, encontrar novas formas de organização e ação coletiva, e exercer os seus direitos cívicos através de votações, discussões e petições online.

Abordagens como o Desenho Universal e Tecnologias Assistivas, embora cruciais

para garantir o acesso a produtos digitais, focam apenas no aspeto tecnológico, ignorando fatores sociais, económicos e políticos inerentes à construção de uma sociedade inclusiva. A realidade é que muitos produtos digitais continuam inacessíveis. Além disso, nem todas as pessoas com deficiência têm acesso equitativo a esses recursos. Fatores como disponibilidade financeira, acesso à tecnologia e literacia (digital) criam disparidades no acesso a serviços públicos fundamentais para o exercício da cidadania.

O modelo atual de desenvolvimento tecnológico, onde a indústria e academia decidem à porta fechada qual a nova tendência digital, resulta na expansão do “fosso digital”, onde os mais vulneráveis, incluindo pessoas com deficiência, ficam cada vez mais para trás. Enfrentar este desafio requer mudanças estruturais no pensar, desenhar, implementar e governar tecnologias digitais. Numa sociedade onde o progresso tecnológico parece imparável, o progresso social e educacional tem de acelerar.

O Futuro: Novos Paradigmas de Desenvolvimento Tecnológico

O projeto DCitizens, apoiado pela Comissão Europeia e integrado pelo Instituto Superior Técnico / ITI – Interactive Technologies Institute, está a investigar novos modos de desenvolvimento e inovação tecnológica centrada nos cidadãos, em particular nos mais vulneráveis. O objetivo é colocar a tecnologia ao seu serviço, envolvendo-os na conceção, implementação e governança de sistemas. Ao contrário dos paradigmas tradicionais em que o utilizador é visto como um consumidor passivo, neste caso, são estes que moldam a agenda de inovação (por exemplo, em Inteligência Artificial), priorizando as suas necessidades, capacidades, direitos e aspirações.

Assente nos valores democráticos, o projeto pretende alterar as estruturas de poder entre instituições e cidadãos, tornando o desenvolvimento tecnológico mais inclusivo, justo e participativo. Numa era em que o digital permeia todos os domínios da sociedade e o progresso tecnológico irá alterar a nossa forma de vida da nossa, é crucial devolver o poder aos cidadãos.

(1) Global report on health equity for persons with disabilities, <https://www.who.int/publications/i/item/9789240063600>

(2) O que nos dizem os Censos sobre as dificuldades sentidas pelas pessoas com incapacidades – 2021, https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_bou=66200373&PUBLICACOES-mod=2

(3) Declaração Universal dos Direitos Humanos, <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>

(4) United Nations Convention on the Rights of Persons with Disabilities, <https://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=1138&langId=en>

(5) Hugo Nicolau and Kyle Montague. 2019. Assistive Technologies. In *Web Accessibility: A Foundation for Research*, Yeliz Yesilada and Simon Harper (eds.). Springer London, London, 317–335. http://doi.org/10.1007/978-1-4471-7440-0_18
<https://dcitizens.eu/>

Professor do Instituto Superior Técnico e investigador no ITI – Interactive Technologies Institute



As tecnologias digitais são um pré-requisito da inclusão

Numa sociedade onde o progresso tecnológico parece imparável, o progresso social e educacional tem de acelerar

RÉDEA SOLTA

Tudo em aberto nas legislativas

As sondagens são meras tendências e é decisiva a escolha do novo líder socialista.



Eduardo Oliveira e Silva

Nota prévia: Se for verdade que João Galamba foi escutado 82 mil vezes na Operação Influencer ao longo de quatro anos e só dez interceções foram relevantes, estamos perante uma prática de investigação que remete para métodos de regimes de extrema direita ou comunistas. Galamba passa de investigado a perseguido.

1. As sondagens conhecidas pouco ou nada dizem quanto ao desiderato das eleições legislativas de 10 de março. Desde logo, porque só se sabe quem será o candidato do PS a primeiro-ministro no sábado que vem. A probabilidade de ser Pedro Nuno Santos parece maior, mas é nas urnas que se fazem as contas e José Luís Carneiro tem crescido pelo menos na bolha mediática. Não é indiferente para o resultado de março ser um ou outro. Pelo contrário. Pedro Nuno pode ir pescar mais à esquerda, embora precise muito do centro. Já José Luís Carneiro tem obviamente mais votos nos moderados. Há a ideia de que o PSD marca passo, o que está por provar. Montenegro sabe que a grande luta arranca em janeiro. Está a cuidar dos bastidores, visto que no PSD a coisa mais complicada que há é constituir uma lista de deputados, sobretudo depois do lamentável plantel que Rui Rio deixou. Na melhor das hipóteses, as sondagens conhecidas definem tendências. E aí há um dado inequívoco. O Chega será uma realidade reforçada com a qual vai ser preciso contar para muita coisa num parlamento que se prevê pulverizado. Isto, independentemente de Ventura deixar passar um governo liderado pelo PSD ou mesmo ser chamado a integrá-lo. Os pequenos partidos também podem vir a ter um potencial decisivo maior do que habitualmente. Por exemplo, o PAN, se tiver dois deputados, pode ser o fiel da balança, uma vez que diz não ser de direita nem de esquerda. E já se viu pela Madeira que sobretudo gosta de poleiro. Há muito caminho para fazer até às legislativas. Sábado, depois dos resultados

da corrida no PS, as coisas ficarão um pouco mais claras.

2. Até ver, por muito que alguma comunicação social e certos “arrepêndidos” insistam, não há evidência do Presidente Marcelo ter usado de cunha no caso das gémeas portuguesas e brasileiras. É reconhecido que Marcelo nunca foi uma figura dada a esse tipo de recurso que, em Portugal, além de usual, é bastas vezes uma necessidade para a resolução de problemas graves ou anódinos. O que se sabe é que, sim, o PR foi contactado por email pelo filho, Nuno, que lhe dirigiu uma exposição sobre o caso. Daí para a frente, a presidência fez o costume. Pediu uma indagação sumária a uma assessora. Seguidamente, mandou o caso para o primeiro-ministro que o distribuiu para a tutela da saúde, certamente por o considerar relevante. Sabe-se que em Belém houve o cuidado de retirar o nome do Dr. Nuno Rebelo de Sousa da mensagem. Num passo seguinte, o que parece óbvio é que o Dr. Nuno terá passado do *mail* ao ato, contactando diretamente um certo secretário de Estado (havia vários, mas aponta-se Lacerda Sales), o qual terá pressionado o Hospital de Santa Maria a aplicar às crianças portuguesas residentes fora do país (que alguns parecem considerar nacionais de segunda) um tratamento que, na altura, custava dois milhões de euros para cada uma, e que já tinha sido usado, pelo menos uma vez, com sucesso, na célebre bebé Matilde Ao que se sabe, o tratamento já foi, entretanto, aplicado mais de trinta vezes a outras crianças, algumas não portuguesas de origem. Sabe-se ainda, por uma câmara ligada e que dá um plano estranho, que a mãe das crianças admitiu que recorreu à atual nora do presidente Marcelo para acelerar o processo no tratamento das filhas,

Há muito caminho para fazer até às legislativas. Sábado, depois dos resultados da corrida no PS, as coisas ficarão um pouco mais claras

coisa que 99% dos portugueses também fariam. O tratamento das gémeas tinha sido rejeitado no hospital da Estefânia por falta de evidência científica da sua eficácia. Se fosse hoje, provavelmente a decisão seria outra, como se referiu acima. Uma vez potencialmente excluído o presidente Marcelo da hipótese de cunha direta, pela ausência de evidências imediatas e pelo seu rigor habitual nestes casos, sobram muitas coisas por esclarecer. Será que alguém no governo forçou mesmo o Santa Maria e os seus médicos a dar o tratamento contra vontade? E quem pediu? Porque cederam os médicos a uma cunha? É esse o sistema generalizado em casos bicudos? Porque que é que um certo médico vem agora dar uma de arrependido e de vítima do processo se, aparentemente, podia ter denunciado tudo na altura? Ainda por cima, o próprio diz que mantinha larga troca de correspondência com o presidente por email, até sobre política. Porque razão o foco da investigação jornalística está dirigido ao Chefe de Estado quando é aquele que não tem poderes executivos? Que culpa tem um pai se um filho, com o qual tem uma relação tão distante que se contactam por email, eventualmente usar o apelido para passar à frente? E porque razão é que há um guru que aparece, qual pato do ventríloquo, a sugerir numa televisão que o caso seja chamado Belém e não “Gémeas”? E porque não Santa Maria? Então não havia naquele hospital alguém com a coragem da Christine da TAP que, face a uma cunha envolvendo supostamente o presidente, dissesse que só o faria mediante uma ordem escrita? Será que em vez de jornalismo à Watergate andamos numa mera campanha política? A justiça a seu tempo e no seu tempo o dirá, uma vez que está a investigar o assunto desde 7 de novembro. Precisamente nesse dia António Costa demitiu-se e a Procuradora Geral foi a Belém. Pensava-se que para explicar a situação do primeiro-ministro, mas agora há dúvidas legítimas. Pode-se admitir que lhe foi falar do próprio caso das crianças e do seu alegado envolvimento. Talvez não fosse estranho, visto que a procuradora é nomeada formalmente pelo chefe de Estado. No meio disto, há que perceber que na guerra de audiências de televisão o tema é guloso e pode ser esticado indefinidamente. É o que parece com a publicação às pinguinhas de elementos supostamente novos, mas que se percebe estarem em carteira há um tempinho. Tudo sucede num momento políti-

co altamente complexo. Esperemos que o Presidente da República não se deixe afetar por ele nas decisões futuras, havendo que reconhecer que a sua gestão mediática do problema foi infeliz. É altura de ele mostrar nervos de aço. Se lhe serve de consolo, Marcelo que fale com Biden cujo filho se envolveu num problema que lhe está a causar sérios danos políticos. Nem todos os filhos têm o cuidado de não usar o nome dos progenitores nas suas vidas profissionais. Lamentavelmente!

3. É tempo de escolher acontecimentos e figuras nacionais e mundiais. Num mundo sombrio há que olhar para o que de melhor se fez, pelo menos no panorama interno. E aí a escolha da Jornada Mundial da Juventude é justificada pela enorme adesão que suscitou, juntando em Portugal mais de um milhão de peregrinos. Praticamente tudo correu bem. Até a infraestrutura que ficou disponível junto à Expo em Lisboa é uma melhoria notável. Dom Américo Aguiar, agora Cardeal e Bispo de Setúbal, foi o pivô da gigantesca operação. A JMJ e Dom Américo são escolhas óbvias. Menção honrosa para os presidentes da Câmara de Lisboa e de Loures e para a ministra Ana Catarina Mendes. Chapeau!

4. Em termos internacionais há muito por onde escolher, sobretudo pelo horror e violência. O ataque terrorista do Hamas e a resposta sanguínea de Israel são o acontecimento mundial, colocando em segundo plano a invasão da Ucrânia pelo regime de Putin, agora candidato a mais um mandato, através de eleições à Maduro. Todavia, a grande figura é Xi-Ji Ping, o líder chinês. É o homem mais poderoso do mundo. Controla a China com mão de ferro. Tem poderes jamais vistos no ditatorial regime. Mas isso é apenas parte de um plano de controlo planetário que está em curso, começando pela domesticação do russo, o controlo de toda a Ásia e o domínio de África por via da exploração dos seus recursos. Já o Ocidente compra-se com dinheiro, empresas e políticos. Outro facto mundial marcante foi o emergir do ChatGPT e a generalização de uma realidade chamada Inteligência Artificial. Tanto pode ser um bem como mais um prego no caixão da Humanidade. Mas o facto é que ela anda por aí, alavancada por uns expertos que se aproveitam da natural estupidez das grandes massas humanas.

POR UMA DEMOCRACIA DE QUALIDADE

Crescimento ou dependência?

Ao que a esquerda chama “política de habitação, eu chamo “compra de votos”.



João Luís Mota de Campos

O que é uma democracia de qualidade? A 1ª regra é que haja eleições, livre e desimpedida concorrência das forças políticas. Mas isto chega?

Claro que não. A liberdade dos participantes afere-se pelo grau de liberdade e informação dos eleitores.

Alguns países europeus tiveram, por século ou século e meio, um regime com eleições a que se chamava “democracia”, mas que era de facto um regime de caciquismo em que só alguns cidadãos podiam votar: homens maiores de idade, proprietários e contribuintes fiscais. As mulheres, os deserdados, quem nada tinha, nem o voto tinha.

O sistema eleitoral estava organizado em sindicatos de voto regidos por interesses económicos ou corporativos ao serviço de uma elite que detinha o poder e partilhava um amplo consenso sobre o que era o seu país e a sociedade em que queria viver.

As duas guerras mundiais, com a completa subversão das sociedades tradicionais mudaram tudo isto e, mais nuns

sítios do que noutros, o voto tornou-se universal para maiores de idade.

Depois disto, foi dado como ponto assente que a plenitude da democracia implicava a disposição plena dos direitos de cidadania, das garantias constitucionais atinentes à liberdade individual, à salvaguarda dos patrimónios, à livre circulação das pessoas e ideias.

Tudo isto se cristalizou no conceito de “estado de direito social” em que vivemos, mais ou menos, no Ocidente. Passou-se assim de uma democracia liberal, assente nos paradigmas clássicos da liberdade política, para uma democracia dos direitos, a que os anglo-saxónicos chamam “entitlements”, em que a regra é a da busca da igualdade dos cidadãos, não só à face da lei, mas da substância social.

Assim, presume-se, estão asseguradas condições de plena cidadania a todos e portanto, de plena liberdade: a não dependência económica dos mais desfavorecidos (que era a base do caciquismo) assegurada pela criação de múltiplos direitos oponíveis à sociedade: à educação, à saúde, à reforma, a um salário digno, a ajudas extraordinárias nas horas de maior necessidade, à administração

equitativa da Justiça, a habitação acessível providenciada pelo estado, a todo um catálogo de direitos, hoje plasmados na Carta Europeia dos direitos dos cidadãos, a que o Tribunal de Justiça da União Europeia tem dado corpo e substância, em múltiplos acórdãos.

Sendo a igualdade dos cidadãos perante a lei a pedra basilar das nossas democracias modernas, igualdade que se fundamenta na atribuição de múltiplos direitos a quem deles careça, direitos inerentes à cidadania plena, houve infelizmente quem descobrisse que é fácil instrumentalizar esses direitos e, gerindo a sua atribuição, colocar quem deles beneficia numa nova dependência, do Estado e de uma forma particular do estado, a de um estado social gerido por determinados partidos. Não todos, mas alguns.

É assim que temos visto a atribuição selectiva e a determinadas categorias da população, particularmente indefesas e impreparadas para entender que o que recebem não é do Estado, mas é da sociedade como um todo, ao abrigo do dever comum de contribuir para a igualdade de todos, de certos direitos, normalmente fixados em contribuições financeiras, das quais essas categorias

de cidadãos dependem progressivamente mais.

Depois, é fácil cobrar a “gratidão” dos pobres dando-lhes a entender que, se o partido que lhes atribuiu esses direitos perder as eleições, eles podem perder as regalias adquiridas.

Um excelente exemplo é o subsídio de renda de casa que o Partido Socialista inventou com o apoio da esquerda. Quem receba esse subsídio tem agora um interesse investido em manter no poder quem lho atribuiu. Chamam a isto “política de habitação”; eu chamo a isto “compra de votos”.

O pior de tudo é que o único antidoto que as oposições descobrem é o de entrar num leilão de quem dá mais. É assim que por exemplo o PSD promete aumentos extraordinários das reformas ou a recuperação integral do tempo de serviço pelos professores. Imediatamente o PS veio subscrever essas ideias lamentando apenas não as ter tido em primeiro lugar...

Este leilão foi o que conduziu à catástrofe económica na Argentina, com uma inflação de 140% ao ano, porque não tendo um banco central europeu que lhes ordene a política monetária, os políticos de esquerda argentinos engrenharam na economia mágica, supondo que imprimindo dinheiro resolviam os problemas. Evidentemente, só os agravaram.

No nosso caso português começa a tornar-se evidente que o Partido Socialista descobriu há anos a fórmula: “comprar” setores inteiros de eleitores – reformados, funcionários públicos, arrendatários carecidos de casa, entre muitos outros grupos – aos quais propõe um “novo” contrato social: dar tudo o que puder, até ao dia em que isto rebente, ou, catástrofe, em que a oposição ganhe.

A outra opção, a do enriquecimento e progressiva prosperidade do País, que conduza a prazo todos a uma muito menor dependência do Estado, não interessa aos socialistas. A bem da clareza nas próximas eleições e da qualidade da nossa democracia, falta saber se interessa a alguém ou se estamos definitivamente condenados a uma apagada e vil tristeza.



É fácil cobrar a gratidão dos pobres

No caso português, o PS descobriu há anos a fórmula: “comprar” setores inteiros de eleitores aos quais propõe um “novo” contrato social

*Advogado, ex-secretário de Estado da Justiça
Subscritor do Manifesto por uma Democracia de Qualidade*



Livro

Gonçalo M. Tavares.

O canto trágico do século

Inaugurando uma nova linha, numa obra de imenso fôlego, **As Botas de Mussolini** é uma pequena reflexão sobre o século XX. Juntando um conjunto díspar de detalhes, de pequenas histórias, Gonçalo M. Tavares devolve-nos um século carregado de tragédia e de catástrofe.

JOÃO OLIVEIRA DUARTE
joaooliveiraduarte@gmail.com

Há figuras espectrais, próximas de um mutismo que corresponde à exaustão da linguagem, figuras como que fraturadas entre dois tempos, impelidas ora para um ora para outro. Vemo-las: estão irrequietas, sempre sem fôlego, o seu olhar é ao mesmo tempo vago e rigoroso, pouca sobre as coisas, tenta medi-las, traçar-lhes o contorno, mas algo as impele para um outro lugar, para um novo objeto. Chamemos, a esse género de figuras que encontramos aqui e ali, de “ressacados do século” (o termo não é nosso), seres para quem o passado, tanto quanto o futuro, se encontra em perigo. O “século” é, aqui, o XX, tal como o século passado é ainda o XIX, e o futuro, vago, sem contornos ainda, é o nosso presente.

A figura que se desenha, como que por detrás do novo livro de Gonçalo M. Tavares (**As Botas de Mussolini**), um conjunto de textos inclassificáveis onde nos conta pequenos detalhes da história do século XX (mas não só, porque o século começa na Revolução Francesa) é deste género. A literatura, se é que ainda se pode usar este termo para designar este conjunto de textos, há muito que aqui deixou o duplo jugo da ficção e desse termo jornalístico, a atualidade, que invadiu o campo do que outrora se chamava romance. Leva a sério a injunção de Maurice

Blanchot em **La folie du Jour** (“un récit? Non, pas de récit, plus jamais”), onde o “nunca mais” vem selar tanto uma impossibilidade, uma exaustão que chega de um lugar a que não conseguimos aceder, como uma proibição; e a “atualidade”, por sua vez, que produz apenas alegorias não muito interessantes, apesar de bastante interessadas com o que consideram interessante, é trocada por um olhar que sabe não estar à altura daquilo que vê, de todos esses fragmentos e detritos que tenta, sem nunca conseguir, ordenar e dar um sentido. É do fundo de uma impotência, do qual consegue retirar alguma coisa, nem que seja o “som da linguagem de frente para os acontecimentos”, que nasce **As Botas de Mussolini**. E talvez o porvir da literatura, da escrita – a existir – passe por se reclamar dessa impotência radical.

Se quiséssemos encontrar um parente não muito afastado para este novo livro de Gonçalo M. Tavares talvez pudéssemos recorrer a uma conhecida imagem do filósofo alemão Walter Benjamin, aquela do anjo da história que, tendo o rosto voltado para o passado, vê apenas uma catástrofe contínua. Gostaria de parar, despertar os mortos e juntar os destroços, mas algo o impele para o futuro e ele vê apenas – regista – um amontoado de escombros que cresce até ao céu. Com algumas diferenças, no entanto: a figura espectral por detrás de **As**



Botas de Mussolini não pretende resgatar nada, mas apenas dar conta dessa tragédia – isto é, também, contar –, colocar o “som da linguagem” perante acontecimentos que destituem a própria palavra – daí uma espécie de corrosão, de permanência à beira de um mutismo de onde não parece ser possível sair; e, aqui, não há destroços, há apenas detalhes, fragmentos que transportam em si todo o disparate do século.

É uma história fragmentada, sem unidade alguma possível, como se Gonçalo M. Tavares nos quisesse dar o fôlego da destruição que vê atrás de si – e uma outra, que ainda não vê bem, que é a do nosso tempo e geografia –, como se a catástrofe tornada permanente fosse aquilo mesmo que torna impossível qualquer história. É o que diz, aliás, numa breve nota que antecede todos os pequenos textos sem género que compõem o mais recente livro: “O livro **As Botas de Mussolini** inaugura uma linha, a que chamo História Fragmentada do Mundo, e este nome descreve o caminho: saltos no tempo e na frase.

Desde o **Diário da Peste**, livro essencial no meu percurso, que entre muitas outras coisas me interessa isto: o entendimento que vem do ritmo e do som da linguagem de frente para os acontecimentos”.

São os acontecimentos que impõem esses enigmáticos “saltos no tempo”. A impossibilidade de reunião dos fragmen-

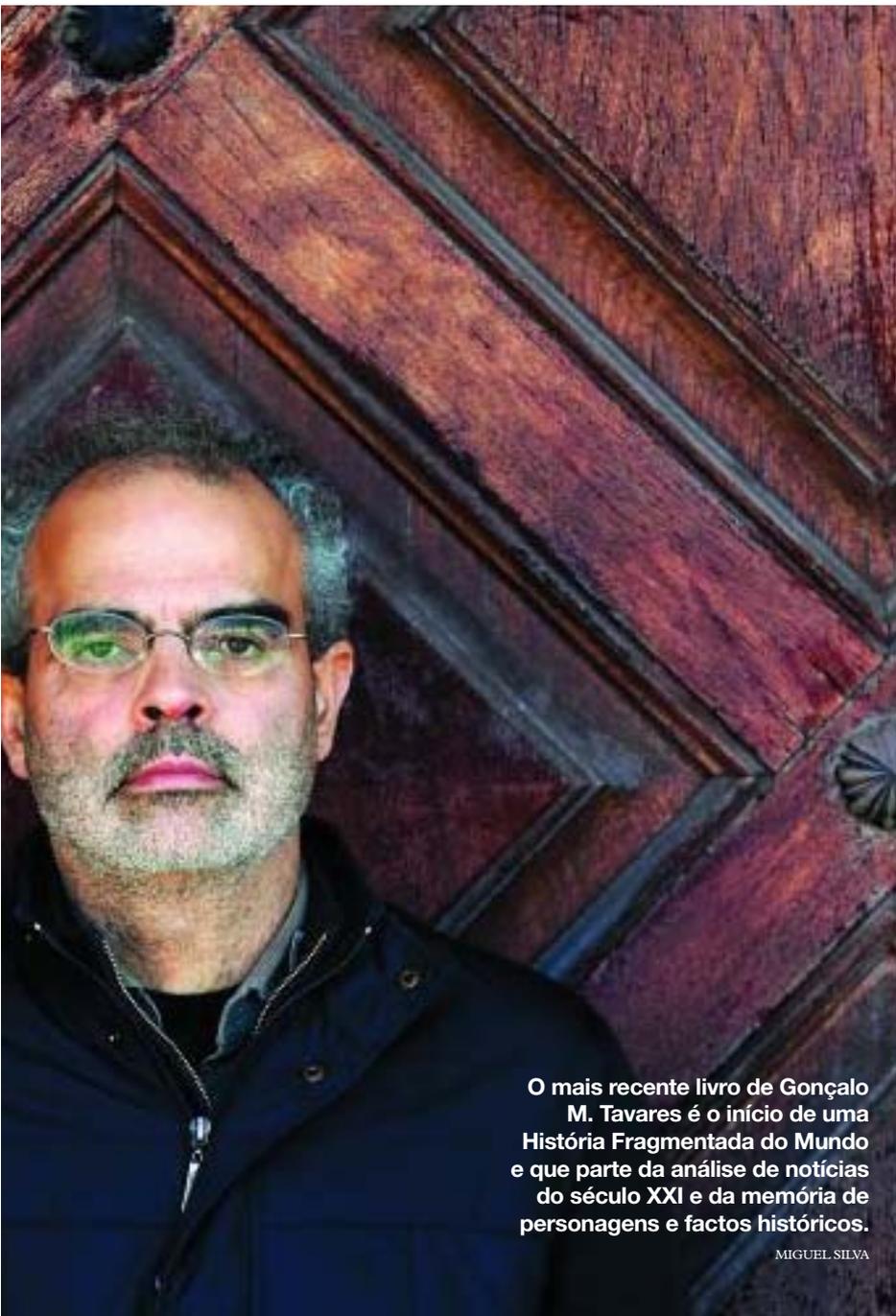
tos – em momento algum, como facilmente se percebe, o fragmento é remetido a uma totalidade de que daria notícia –, que resulta de toda a destruição e catástrofe, da tragédia que o olhar ainda traz em si, tem como resultado esses saltos na frase que, tal como os primeiros, também se tornam enigmáticos, como se a linguagem estivesse sempre a soçobrar, exausta (um outro pensador, francês e já não alemão, dizia que o esgotamento remete à última das palavras), como se ela não conseguisse já refazer-se e atingir o canto. O cantar, o canto, é uma imagem recorrente na obra de Gonçalo M. Tavares – mas não só na dele, obviamente, dado que se trata de uma

GONÇALO
M. TAVARES

AS BOTAS DE
MUSSOLINI

RELÓGIO D'ÁGUA

As Botas de Mussolini
de Gonçalo M. Tavares
Editor: Relógio D'Água,
novembro de 2023



O mais recente livro de Gonçalo M. Tavares é o início de uma História Fragmentada do Mundo e que parte da análise de notícias do século XXI e da memória de personagens e factos históricos.

MIGUEL SILVA

dessas imagens magnéticas que concentram uma série de sentidos –, é com ele que a boca se liberta da sua função biológica, que a humanidade assume a sua pobreza e a sua relação de proximidade e distância perante o animal. No entanto, encontramos em *As Botas de Mussolini* uma imagem que vem em contramovimento face àquela do canto e do cantar: “E ainda um sinistro som de alarme/ feito por um qualquer compositor obsessivo –/ canção monocórdica de perigo e ameaça.// (Imaginar um mundo sem música alguma, só com sirenes de alarme/ a instalar o cuidadinho e o chiu obediente no já calmo cidadão;/ pesadelo político e sonoro).”

O mais interessante neste pequeno livro é, de facto, o lugar a partir do qual ele se escreve, essa divisão inultrapassável entre um século e outro – daí o termo “ressacados do século”, como se, espectros, já não vivesse no século XX, não vivendo ainda no século XXI. Esta cesura que rompe qualquer unidade ou continuidade possível, que olha, impossivelmente, para dois lugares diferentes, aprofunda a fratura de onde parte. Se o termo geração não fosse de desconfiar, poder-se-ia dizer que este é um livro que pode apenas ser lido por um conjunto de pessoas que, ainda hoje, vive capturada, cativa, dos acontecimentos do século XX – como um lastro, uma lama que se transporta, cuja existência é, tantas vezes, ignora-

da. Mais velhos, e as mudanças radicais dos últimos 30 anos permaneceriam surdas, facilmente acomodadas dentro de um regime existencial há muito delineado; mais novos, produtos de uma mutação antropológica em curso, e é o próprio acontecimento da mutação que se perdeu.

Esses seres espectrais que se encontram partidos entre tempos diferentes, que retomam em cada gesto a sua incapacidade e a sua impotência, constantemente sem fôlego, não são marginais nem se colocam à margem. Digamos, para retomar uma ideia presente em *As Botas de Mussolini*, que são laterais, quase fora do tempo, impossibilitados de aderir com clareza ao seu lugar. Fala de Hitler, do sonho delirante de um desenho cheio de clarividência de quem “vê sem perturbações”, mas a imagem pode ser levada para outros lugares: “Ver sem olhar para o lado, essa obsessão do pintor/ destituído de empatia – essa qualidade que/ vem precisamente da lateral,/ do pressentimento e evidência de que há muita coisa de lado/ e para lá dos meus sapatos”.

Só conseguir ver perturbações, não conseguir observar nada com clareza, viver entre dois universos radicalmente distintos, habitar a fratura do tempo: é isto que é erigido por este pequeno livro, que chama a si uma profunda impotência.



NA LINHA DA FRENTE

POR JOSÉ PAULO DO CARMO

Alugar metade da cama

Os problemas na habitação não são só tema em Portugal. Muitos países, com um crescimento acentuado na procura e uma subida abrupta de preços veem-se com o mesmo tipo de dilemas, tentando arranjar soluções que contemplem o apoio aos mais jovens e aos carenciados. O aparecimento em massa do alojamento local aumentou a diversidade de produtos no mercado mas ocupou também muitas das casas que seriam destinadas aos locais, que assim viram o seu estilo de vida seriamente ameaçado, com o aumento exponencial das rendas e o valor das próprias casas a registar subidas gigantescas.

Desta forma, e com a contestação a subir de tom, os próprios governos e as câmaras dos países e cidades mais afetados têm vindo a criar dinâmicas restritivas, que limitam a uso dos alojamentos mas também a possibilidade de uma segunda ou terceira habitação, para além de condicionarem a compra de casas a quem não é residente, aproveitando as sobretaxas para criar novos alojamentos a rendas acessíveis. Por cá vamos vendo isso mesmo, o êxodo descontrolado de quem vivia em Lisboa para a periferia e a invasão estrangeira em certos bairros da cidade. Veja-se o caso de Campo de Ourique que ainda não passou a “Champ D’Ourri” porque não se efetuou nenhum referendo para o efeito. Assim vamos perdendo a autenticidade da própria cidade e vamos acompanhando o preço dos produtos à capacidade dos novos residentes, ficando assim incomportável para muito boa gente que por cá

vive com um salário mínimo ou próximo disso.

Toronto é outra das cidades que mais tem sido afetada com este problema. Não existem casas disponíveis para tanta procura e os preços dispararam, fazendo o Governo tomar medidas drásticas para tentar controlar a questão. Mas houve quem se lembrasse de uma solução mais criativa. Assim, vários residentes estão a alugar metade da própria cama para ajudar a suportar as elevadas despesas. Imagino o regabofe que será se por cá se lembrarem do mesmo. Já estou mesmo a ver com a reduzida eficiência energética nas nossas casas e quando o frio irrompe pelas janelas, o encosto bom só mesmo para proteger e fazer subir a temperatura e daí para o dormir em conchinha distam poucos segundos. O resto deixo à imaginação de cada um.

Se estamos com vontade de abrir as nossas casas de banho a todos, independentemente do género, fazendo delas mistas, só nos faltava agora para além de partilharmos as retretes fazermos das nossas camas (tostas) mistas em que começamos a alugar o lugar do lado, se a cama for grande até dá para várias pessoas e se for pequena alugamos o lugar mesmo em cima de nós. A nossa privacidade parece ser uma palavra em desuso e o que está na moda agora é um todos contra todos e salve-se quem puder. Um amigo meu é que costuma contar a anedota da orgia no quarto escuro em que alguém já farto do que lhe estava a calhar, acende a luz e solta um “organizem-se”!



Mais
Desporto

MotoGP. Miguel Oliveira faz parte do sonho americano

Miguel Oliveira vai disputar o Mundial de motociclismo em 2024 com a Trackhouse Racing, uma equipa americana que vem da NASCAR e quer impressionar no MotoGP.

JOÃO SENA

joao.sena@ionline.pt

Em poucos dias, o piloto português mudou de patrão e de equipa sem sair da Aprilia. O Trackhouse Entertainment Group é uma marca de entretenimento criada para galvanizar os fãs e trazer novas pessoas para desporto motorizado através de novas experiências durante as corridas e espetáculos musicais.

A equipa foi fundada pelo ex-piloto norte-americano Justin Marks, que ganhou corridas na NASCAR e IMSA, dois dos campeonatos mais importantes dos EUA. A Trackhouse está sediada em Nashville e começou a competir na NASCAR Cup Series em 2021. Participou em 107 provas, venceu seis corridas e teve como estrela da equipa Kimi Räikkönen, campeão do mundo de Fórmula 1 em 2007 com a Ferrari. O próximo desafio é o MotoGP, e já se percebeu que a equipa vai ter uma influência positiva e trazer algo de novo à modalidade a nível da promoção e marketing. “Tive a oportunidade de ir ver diferentes desportos motorizados em todo o mundo, mas nunca tinha ido a uma corrida de MotoGP. Fui este verão ao Grande Prémio da Áustria e fiquei maravilhado pela experiência”, comentou o dono da equipa.

A partir desse momento começou a

trabalhar para participar no Mundial de 2025, mas a exclusão da Cryptodata RNF acelerou a entrada da equipa. “Desde o primeiro dia que a Trackhouse trabalha para identificar oportunidades únicas no desporto e para se expandir a nível mundial, e o MotoGP é uma excelente oportunidade. É um produto emocionante em pista, tem estrelas aspiracionais e um ambiente muito agradável e acolhedor para os fãs” justificou o proprietário da equipa, que fez aumentar as expectativas ao afirmar: “Estamos comprometidos a trazer algo de novo e emocionante ao campeonato. Vamos trabalhar para merecer o nosso lugar entre os outros e para divulgar este fantástico desporto a milhões de fãs nos Estados Unidos e não só”. E deixou uma certeza: “Se acertarmos no processo, os resultados vão chegar”.

A nova equipa de Miguel Oliveira vai utilizar a estrutura técnica da RNF Racing e vai ter a colaboração técnica da Aprilia Racing de modo a estar entre as melhores no próximo ano. O CEO da Aprilia, Massimo Rivola, confirmou que a Trackhouse Racing pediu motos semelhantes às da equipa oficial. “Não podíamos perder uma oportunidade que é muito estimulante a nível de marketing e a nível técnico”, disse, e foi mais longe ao afirmar: “Tivemos muitos campeões americanos no passado e quem

sabe se no futuro teremos outro com a Trackhouse e Aprilia”.

MUITA MÚSICA Armando Christian Pérez, conhecido por Pitbull, é um dos mais importantes músicos americanos e coproprietário da equipa. Nasceu em Miami, é filho de pais cubanos, já recebeu um Grammy, vendeu mais de 7,5 milhões de álbuns e 100 milhões de singles, tem mais de 22 milhões de ouvintes mensais e cinco mil milhões de *streams* no Spotify e Apple Music. O famoso rapper é seguido por mais de 10 milhões de seguidores no Instagram e três milhões no TikTok. O facto de ser um dos donos da equipa pode trazer maior animação às provas, é isso que todos esperam. O músico tem o hábito de agendar concertos nos fins de semana de corridas, o que é uma prática normal nos EUA, onde não há desporto sem espetáculo. O facto de o anterior diretor de marketing da NBA estar agora a trabalhar no MotoGP pode relançar a imagem do campeonato com artistas como Pitbull. O rapper desenvolve também ações filantrópicas através da Fundação SLAM. O músico abriu várias escolas na Flórida, Nevada e Geórgia oferecendo a 5500 alunos carenciados uma educação de qualidade até que estejam preparados para entrar na faculdade.

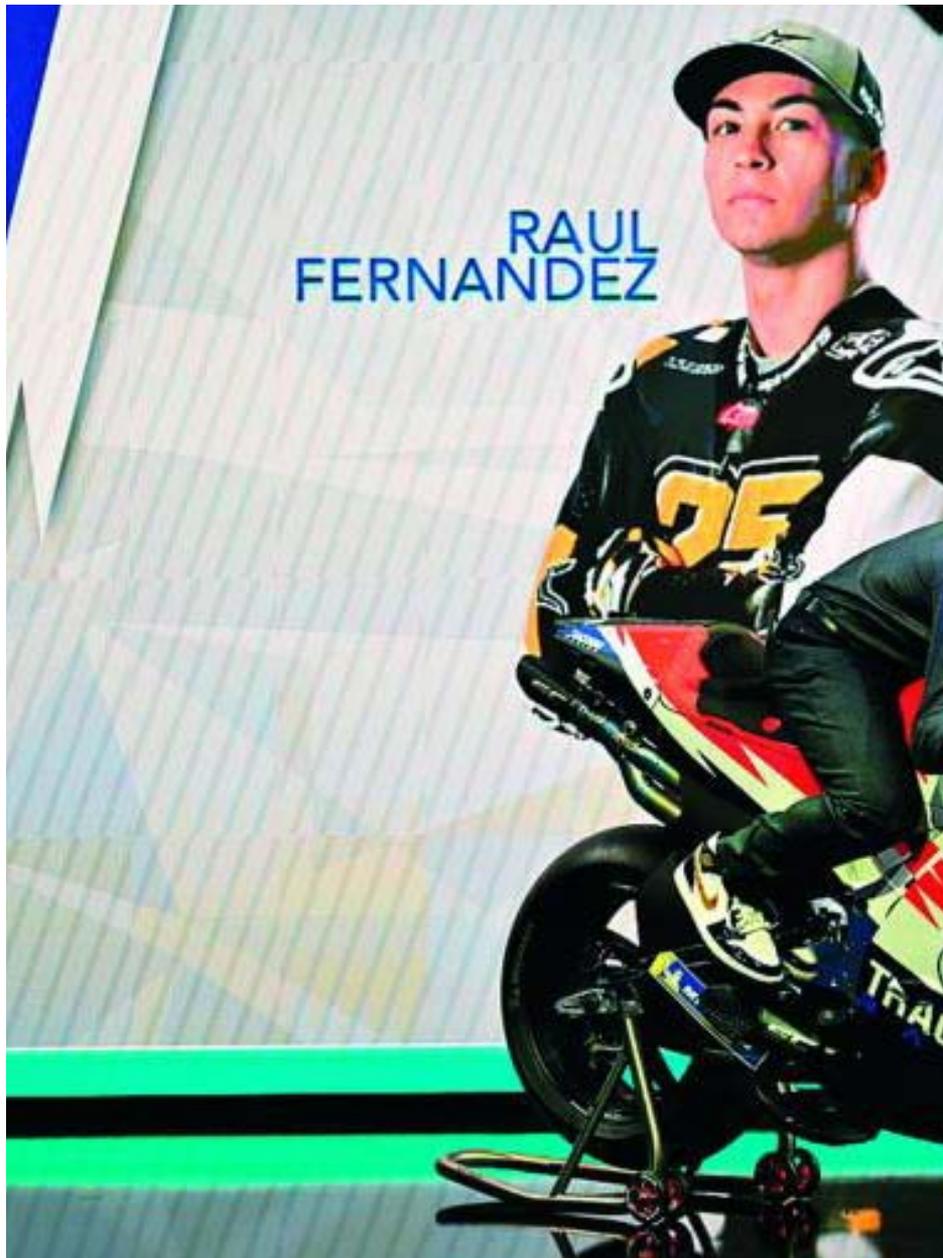
Na apresentação da equipa, a moto surgiu com as cores da bandeira norte-ame-

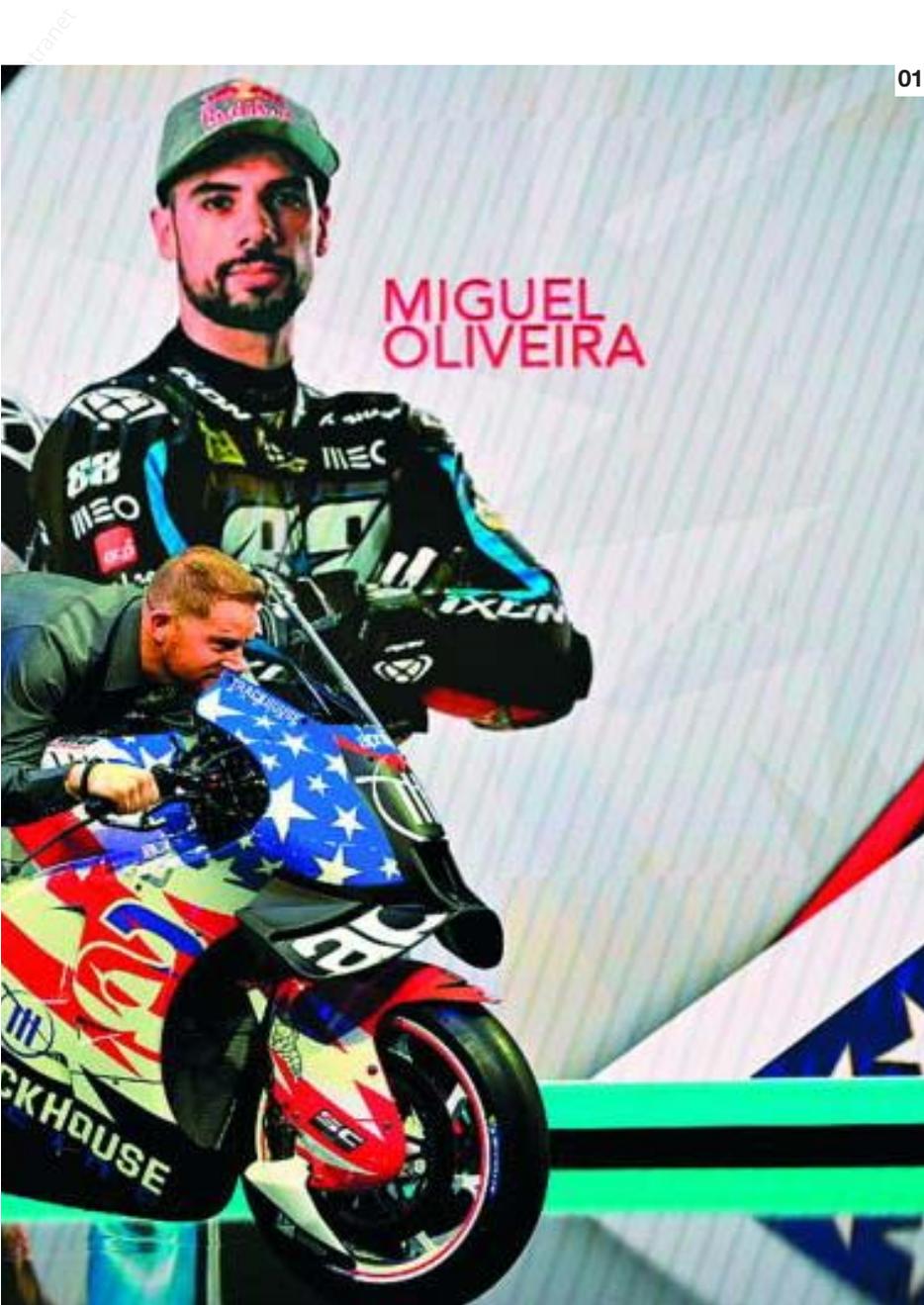
01 O ex-piloto da NASCAR e dono da equipa Trackhouse, Justin Marks, é fã de desporto motorizado

02 O rapper Pitbull é coproprietário da equipa onde vai correr Miguel Oliveira e promete animar os eventos de MotoGP

A Trackhouse vai contar com o apoio técnico da Aprilia e com a rapidez de Miguel Oliveira para conseguir bons resultados

Os americanos regressam ao Mundial de motociclismo para dar espetáculo e fazer história





01

Semana decisiva para as equipas portuguesas

Apenas o Sporting tem a sua situação na Europa definida.

Vai ser uma semana emocionante para as três equipas portuguesas que estão na Liga dos Campeões. O Benfica joga hoje (20h00) na Áustria frente ao Salzburgo. Sem adeptos por perto, e não foi por Roger Schmidt ter dito para ficarem em casa, mas sim por castigo da UEFA, os encarnados têm um jogo decisivo que pode dar acesso ao playoff da Liga Europa ou acabar com a carreira europeia. O Benfica precisa de vencer o Salzburgo por dois golos de diferença, no fundo é repetir aquilo que os austríacos fizeram em Lisboa. Resta saber como vai reagir a equipa ao ambiente tenso criado à volta do técnico e de alguns reforços, que continuam a não justificar a sua contratação. O treinador parece viver uma realidade paralela, só assim se percebe que diga que o Benfica melhorou nas duas últimas semanas, quando foi precisamente nesse período que perdeu quatro pontos no campeonato e desceu do primeiro para o terceiro lugar. Por tudo isto, o jogo na Áustria é uma grande incógnita.

O Braga joga hoje em Nápoles (20h00), e se vencer por dois golos de diferença continua na Liga dos Campeões, se empatar garante a presença no playoff da Liga Europa. O pior cenário é a derrota em Nápoles e a vitória do Union Berlin em casa frente ao Real Madrid, nesse caso seria a equipa alemã a seguir em frente. O FC Porto entra em ação amanhã (20h00) em casa com o Shakhtar Donetsk. As duas equipas têm o mesmo número de pontos, e ao FC Porto basta o empate para garantir a presença nos oitavos de final, já que tem vantagem no confronto direto com os ucranianos, pois venceu na primeira volta (3-1). Na Liga Europa, o Sporting recebe o Sturm Graz e quer repetir a vitória obtida na Áustria (2-1). Os leões têm o segundo lugar garantido e, dia 18, ficam a conhecer o adversário que será um dos terceiros classificados da Liga dos Campeões.

LINHA LATERAL

Os LA Lakers venceram torneio 'In-Season'

NBA Os LA Lakers ganharam a primeira edição do 'In-Season Tournament' ao baterem na final de Las Vegas os Indiana Pacers (123-109). O poste da equipa de Los Angeles, Anthony Davis, esteve em evidência ao marcar 41 pontos e conseguir 20 ressaltos. LeBron James, com 24 pontos e 11 ressaltos na final, foi eleito o melhor jogador do torneio, mais um título pessoal para a sua impressionante carreira. A NBA Cup contou com as 30 equipas que estão a disputar a temporada regular.



Abel Ferreira leva o Palmeiras ao bicampeonato

FUTEBOL Abel Ferreira levou o Palmeira ao segundo título consecutivo no Brasileirão e tornou-se o técnico estrangeiro mais vitorioso no Brasil, com nove títulos. O treinador português reuniu-se com a presidente do Palmeiras, Leila Pereira, e reforçou a ideia de que tem contrato com o clube até 2024. Resta saber se um eventual convite do Qatar não o fará mudar de ideias. O técnico Pedro Caixinha levou o RB Bragantino ao sexto lugar e vai disputar a pré-eliminatória da Taça dos Libertadores.

Jogos da liga grega realizam-se à porta fechada

FUTEBOL O Governo grego tomou uma medida de força para tentar controlar os atos de violência que têm assolado o desporto no país e "todas as partidas da liga de futebol vão ser disputadas à porta fechada nos próximos dois meses, ou seja até 12 de fevereiro", referiu o porta-voz do Governo, Pavlos Marinakis. Já antes, os árbitros tinham decidido avançar com um greve de modo a que sejam garantidas as condições de segurança. Os atos de violência não acontecem apenas no futebol. O jogo de voleibol entre o Panathinaikos e Olympiacos deu origem a uma batalha campal, que originou 400 detidos.

02



ricana numa homenagem ao antigo piloto Nicky Hayden, a decoração definitiva surgirá no início de 2024. "Nicky Hayden foi um dos meus primeiros heróis das corridas, e a Trackhouse quer fazer parte da história americana no motociclismo", salientou. Na verdade, os Estados Unidos tiveram grandes campeões, uma história que começou na década de 70 com Kenny Robert e prosseguiu com Freddie Spencer, Eddie Lawson, Wayne Rainey, Kevin Schwantz e Nicky Hayden, que morreu ao ser atropelado por um carro enquanto andava de bicicleta. Os Estados Unidos tiveram também equipas na categoria de 500 cc e MotoGP. Roberts e Rainey alinharam com as Yamaha oficiais e Roberts

ainda desenvolveu a KR Proton. Desde 2013 que os EUA não têm um piloto no Mundial de motociclismo.

O Mundial de 2024 vai ter 22 Grandes Prémios em 19 países e passa pelo circuito de Portimão, no fim de semana de 22 a 24 de março. O campeonato tem uma novidade que é a entrada do Cazaquistão – é o 30.º país a receber o MotoGP. O Grande Prémio vai realizar-se no circuito de Sokol, nos arredores de Almaty, a maior cidade cazaque. A grande mudança para a temporada de 2024 é a nova regulamentação técnica que obriga as equipas a utilizar 40% de combustível não fóssil, valor que deve atingir os 100% em 2027.



Taylor Swift eleita personalidade do ano

■ Por mais que nem toda a gente compreenda, já que falamos de uma artista com apenas 33 anos, a verdade é que na última década Taylor Swift tem revolucionado a indústria da música e batido inúmeros recordes. O seu nome ouve-se por todo o lado, os concertos esgotam, o seu filme **The Eras Tour** foi um sucesso de bilheteira – 85 milhões de euros em receitas no fim de semana de estreia –, os números da sua fortuna aumentam e a sua popularidade dispara. Agora, a artista somou mais uma conquista à carreira ao ser considerada pela revista Time “Personalidade do Ano” de 2023. “Muito do que Taylor Swift realizou em 2023 é imensurável”, disse o diretor da revista, Sam Jacobs.



Carminho em Nova York a brilhar ao lado de estrelas de Hollywood

■ Em noite de estreia do filme **Poor Things**, de Yorgos Lanthimos, numa cerimónia que teve lugar no DGA Theater, em Nova Iorque, a fadista portuguesa brilhou ao lado de estrelas de Hollywood como Emma Stone, protagonista do filme, Mark Ruffalo, Willem Dafoe e Margaret Qualley e emocionou a plateia. Taylor Swift foi ouytra das estrelas internacionais presentes que se se deixaram encantar pela voz da fadista ao assistirem a um momento único, em que Carminho canta o fado **O Quarto**, ao mesmo tempo que toca guitarra portuguesa. “Quando recebi o convite para cantar em **Poor Things** jamais imaginei a incrível experiência que iria viver e a maravilhosa reação a este filme impressionante”, disse Carminho. “Que orgulho levar o fado e a língua portuguesa a um lugar tão especial, partilhando estes momentos com um realizador único e uma equipa fabulosa. Fiquei sem palavras”, acrescentou. O filme, baseado na obra de Alasdair Gray, estreia em Portugal a 25 de janeiro de 2024.



Angelina Jolie fala sobre “marcas” do divórcio

■ Recentemente e a propósito do novo filme sobre Maria Callas, a atriz Angelina Jolie, que encarna a cantora, deu uma entrevista ao *Wall Street Journal* onde fez revelações sobre o seu divórcio de Brad Pitt, que, segundo a artista, deixou “marcas”. Ao receber o convite para protagonizar esta nova produção, Angelina Jolie temeu os efeitos que o stresse lhe poderia causar. “O meu corpo reage de forma muito intensa ao stresse. Os meus níveis de açúcar no sangue sobem e descem. Seis meses antes de me divorciar, de repente fiquei com paralisia facial”, revelou. Segundo a atriz, depois do divórcio com Brad Pitt, anunciado em 2016, tanto ela como os filhos, tiveram de “recuperar”. Na entrevista admitiu não ter vida social.



Nobel da Paz apela à comunidade mundial

■ Narges Mohammadi, ativista iraniana que se encontra presa no Irão, apelou domingo, ao receber o Prémio Nobel da Paz em Oslo, na Noruega, à comunidade internacional para que ajude a colocar um ponto final ao regime de opressão iraniano. O discurso, escrito pela própria a partir da prisão de Evin, no Teerão, foi lido em Oslo por Kiana e Ali Rahmani, os seus filhos gémeos, de 17 anos, exilados em França desde 2015.

Nascimentos

Mia

08 DE DEZEMBRO

Depois de ter sofrido uma perda gestacional no ano passado, Matilde Brayner partilhou com o público o nascimento da sua filha Mia.

Lua

07 DE DEZEMBRO

Michael Clifford, músico dos 5 Seconds of Summer, e Crystal Leigh anunciaram que nasceu Lua, a primeira filha.

Óbituário



Nuno Graciano

EX-APRESENTADOR DE TV

Internado durante vários dias com prognóstico reservado, acabou por morrer de ataque cardíaco, a poucos dias de completar 55 anos.



Ryan O’Neal

ATOR

Diagnosticado com leucemia crónica em 2002 e cancro da próstata em 2012, morreu aos 82 anos. Foi nomeado para o Óscar de Melhor Ator em 1970.



Vassilis Vassilikos

ESCRITOR

Aclamado escritor grego e mais conhecido pelo seu romance político **Z**, de 1967, sobre o assassinato de um deputado grego e adaptado ao cinema por Costa-Gavras, morreu aos 89 anos.

Maria João Quadros

FADISTA

Hospitalizada no seguimento de doença prolongada, morreu sexta-feira aos 73 anos. “Com ela acaba o fado a sério”, comentou-se no meio artístico.

PUB

PUBLICITAÇÃO DE DECISÃO JUDICIAL TRIBUNAL DA PROPRIEDADE INTELECTUAL

Proc. n.º 432/21.0YHLSB – Juiz 3

Autora:

LARUS — ARTIGOS PARA CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTOS, LDA., com sede em Albergaria-a-Velha.

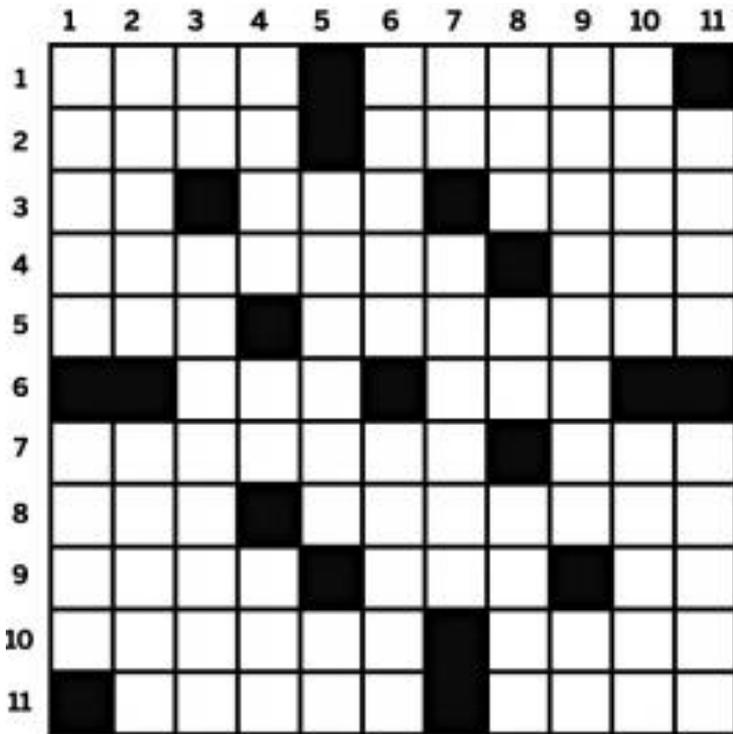
Ré:

CONSTRUÇÕES PRAGOSA, S.A., com sede na Batalha.

Em cumprimento de decisão judicial, transitada em julgado, publicita-se que, por acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa, de 13/07/2023, proferido no processo em epígrafe, a ação foi julgada parcialmente procedente e, por via disso, foi a ré condenada a:

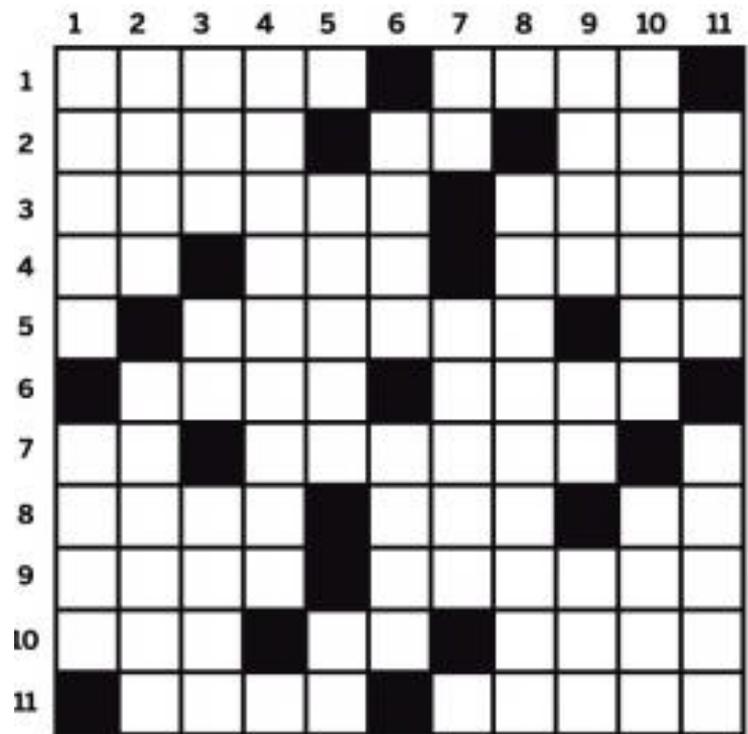
- I. Condenar a ré a pagar à autora uma indemnização no valor de 6.937,65 euros (seis mil novecentos e trinta e sete euros e sessenta e cinco cêntimos), acrescida de juros à taxa legal anual, vencidos desde a citação e vencidos até integral pagamento.
- II. Inibir a ré de continuar a infração ao desenho ou modelo nacional da recorrente com o n.º 3349 (pilarete).
- III. Condenar a ré numa sanção pecuniária compulsória no valor de 100 (cem) euros por cada pilarete que venha a produzir ou a comercializar em desobediência à medida inibitória imposta no ponto II.
- IV. Ordenar a divulgação da presente decisão, após trânsito e baixa dos autos, num jornal diário e num jornal semanário, de maior tiragem nacional à data do trânsito, a expensas da ré, nos termos do artigo 350.º n.º 3 do CPL.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Semelhante. Nome comum a rosáceas espinhosas. 2 - Tecido. Fareja. 3 - Artigo antigo. Ligação (fig.). Parcela. 4 - Égua pequena, mas forte. Eia! (interj.). 5 - Reza. Relativo ou pertencente a célula. 6 - Serviços Secretos dos Estados Unidos da América. Acreditei. 7 - Tolice. Campeonato profissional norte-americano de basquetebol. 8 - Haste horizontal da charrua. Guarnecer com cintas ou incrustações de lata ou latão. 9 - Parte da bota acima do artelho. Argola. Prefixo (repetição). 10 - Estender no lar ou lareira. Utensílio de barro em que fazem criação os coelhos domésticos. 11 - Armadilha (prov.). Suspirar.

VERTICAIS: 1 - Afeição. Capital do Bangladesh. 2 - Proferir. Forma mineral amorfa hidrosa de sílica. 3 - Prefixo (negação). Limitar a quantidade de. 4 - Reduzir a pó. Idem (abrev.). Prefixo (montanha). 5 - Criada ladina. Outra coisa (ant.). 6 - Bolo pequeno, doce ou salgado, geralmente servido com manteiga ou compota. Limpida. 7 - Interjeição que designa admiração ou ironia. Proceder ao alceamento (Tip.). 8 - Regra. Pátria de Abraão. Cabeça (gír.). 9 - Relativo à gema do ovo. Interjeição designativa de dor. 10 - Campo de liça. Entrada estreita de um porto. 11 - Gostar muito de. Deitar areia em.



HORIZONTAIS: 1 - Porção de mar que entra pela terra, com abertura muito larga. Feiticeiro. 2 - Execução de encomendas. Suspiro. Viscera dupla. 3 - Inspirar. Causa ferimento. 4 - Décima sexta letra do alfabeto grego. Interjeição designativa de dúvida ou desconfiança. Torrar milho (Cabo Verde). 5 - Que tem betas. Contração dos pronomes 'me' e 'a'. 6 - Voz do gato. Fímbria. 7 - Sétima nota musical. Dupliquei. 8 - Deserto. Alguns. Presidente da República. 9 - Filtrar. Fazer tatuagem em. 10 - Organização das Nações Unidas. Preposição (posse). Planta criptogâmica aquática. 11 - Catafalco. Ressoar com força.

VERTICAIS: 1 - Ramificação de um cacho de uvas (prov.). Enxuto. 2 - Objecto voador não identificado. Aquele que gosta de mirar. 3 - Sedimento. Prefixo (duas vezes). Malvados. 4 - Que ou aquele que volta as folhas dos livros, lendo-as por alto. 5 - Muito. Direcção Assistida. 6 - Recurso (fig.). Vamos! (Interj.). 7 - Terceira nota musical. Vasilha formada de aduelas, de boca mais larga do que o fundo, onde se pisam as uvas e se conserva o mosto. 8 - Plantar árvores florestais. 9 - Rebanho de gado miúdo. Recitei. Gemido de agonia (Bras.). 10 - Muito oiro. Recompensa (fig.). 11 - Simples (fem.). Dar urros.

SUDOKU

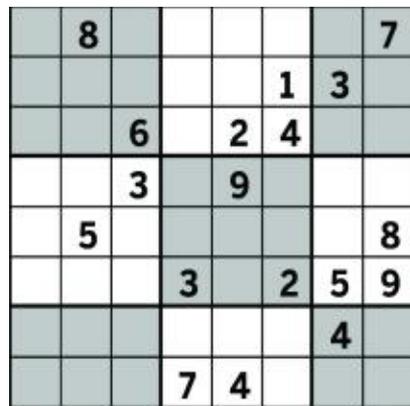
1 | GRAU DE DIFICULDADE ★★★★★



2 | GRAU DE DIFICULDADE ★★★★★



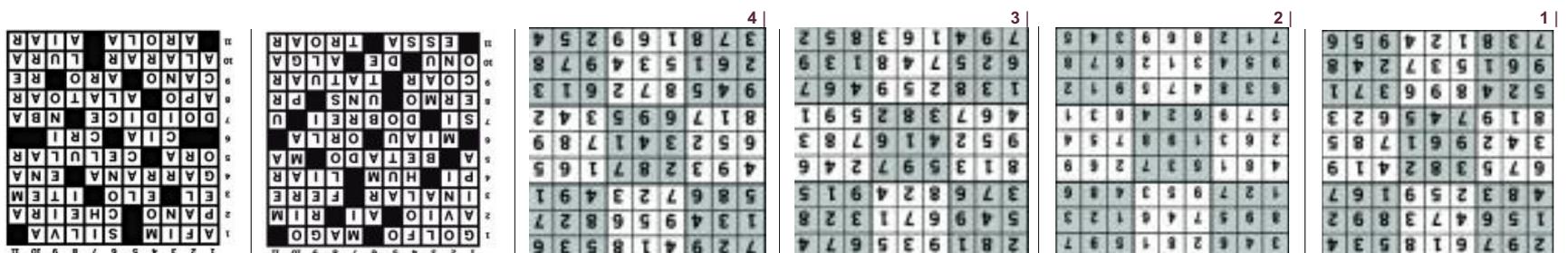
3 | GRAU DE DIFICULDADE ★★★★★



4 | GRAU DE DIFICULDADE ★★★★★



SOLUÇÕES





Marcelo convocou Conselho de Estado depois de chumbo de Orçamento para 2024

MÁRIO CRUZ/AFP

Açores. Marcelo convoca eleições para dia 4 de fevereiro

No final de novembro, Marcelo ouviu os partidos representados no Parlamento açoriano, na sequência do chumbo do Orçamento regional para 2024.

SÓNIA PERES PINTO
sonia.pinto@ionline.pt

O Presidente da República dissolveu a Assembleia Legislativa regional dos Açores e marcou eleições para o dia de 4 de fevereiro de 2024, cerca de um mês antes das legislativas nacionais marcadas para dia 10 de março. A data foi anunciada, esta tarde, após Marcelo Rebelo de Sousa ter ouvido, no Palácio de Belém, os conselheiros de Estado, tendo estado ausentes António Lobo Xavier e António Damásio. De acordo com uma nota divulgada no site da Presidência da República, o Conselho de Estado, ouvido esta segunda-feira, “deu parecer favorável, por unanimidade dos votantes” à dissolução.

À saída da reunião, o atual presiden-

te do Governo Regional açoriano, José Manuel Bolieiro, afirmou que a conclusão tinha sido aquela que “esperava”. Já António Costa que esteve presente não emitiu qualquer opinião sobre o processo porque é “matéria autonómica”.

Marcelo Rebelo de Sousa convocou o órgão político de consulta presidencial depois de ter ouvido em 30 de novembro os partidos representados no Parlamento açoriano, na sequência do chumbo do Orçamento regional para 2024. Segundo a Constituição da República Portuguesa, compete ao Presidente da República “dissolver as Assembleias Legislativas das regiões autónomas, ouvidos o Conselho de Estado e os partidos nelas representados”.

Recorde-se que Bolieiro, que governa

nos Açores em coligação com o CDS e com o Partido Popular Monárquico, viu a proposta do Orçamento Regional chumbada, a 23 de novembro (com os votos contra do PS, do Bloco de Esquerda e da Iniciativa Liberal e as abstenções do Chega e do PAN), o que desencadeou uma crise política a nível regional – a somar à do Governo da República. O PSD tinha perdido a maioria à direita nos Açores, depois de a Iniciativa Liberal ter rompido com o acordo de incidência parlamentar que fora feito e de um dos deputados eleitos pelo Chega ter passado a independente.

A dissolução do Parlamento dos Açores, decidida esta segunda-feira pelo Presidente da República, vai fazer cair 57 diplomas pendentes na Assembleia Legislativa Regional.

Elon Musk “preparado para ir para a prisão”

EUA O magnata Elon Musk – fundador da Tesla e dono da rede social X (antigo Twitter) –, admitiu estar disposto a ir para a prisão no caso de algum braço do Governo dos EUA, por exemplo, o FBI, tentar censurar conteúdos da mesma plataforma. “Se achar que uma agência governamental está a infringir a lei nas exigências que faz à plataforma, estaria preparado para ir para a prisão”, afirmou.

MP acusa 16 ativistas de desobediência

PORTUGAL O Ministério Público acusou 16 ativistas do movimento Greve Climática Juvenil do crime de desobediência devido às ações levadas a cabo no dia 14 de setembro junto ao Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), onde decorria o Conselho de Ministros. Segundo a acusação, essa manifestação “não foi autorizada, nem foi requerida a nenhuma entidade administrativa”.

Ordens. PR veta alterações aos estatutos de ordens

PORTUGAL O Presidente da República, vetou dois decretos do Parlamento que alteram os estatutos da Ordem dos Advogados e da Ordem dos Enfermeiros, depois de ouvir os respetivos bastonários. Decretos fazem parte de um conjunto de alterações aos estatutos de ordens profissionais aprovados na Assembleia da República em 13 de outubro. Decreto que altera o estatuto da Ordem dos Farmacêuticos foi promulgado.

TEMPO

	HOJE	AMANHÃ
NORTE	17° 12°	14° 8°
CENTRO	19° 15°	16° 10°
SUL	21° 15°	18° 10°
AÇORES	16° 13°	18° 13°
MADEIRA	24° 18°	23° 18°

SEMÁFORO



Javier Milei

Tomou posse como novo Presidente da Argentina prometendo tirar o país da bancarrota e devolver aos argentinos a prosperidade que, disse, um século de peronismo lhes tirou. Para já, e para além do *slogan* que chocou o mundo – “Viva la libertad, carajo” –, as suas primeiras medidas primaram pela sensatez.



Inês Sousa Real

As quezílias internas, com acusações de perseguição e demissões em catadupa não são um exclusivo da Iniciativa Liberal, como estamos agora a assistir no PAN. Veremos em março se a AR vai continuar a ter as Pessoas, os Animais e a Natureza como uma espécie de partido de estimação.



António Costa

Na hora da passagem à condição de primeiro-ministro em mera gestão de funções, voltou a atirar-se ao Ministério Público. Recebeu de imediato a resposta da procuradora-geral da República, Lucília Gago. Mais valia estar calado e deixar de tentar condicionar a Justiça. Soa a desespero. *Mário Ramires*